

Coleção

DEBAIXO DA ÁRVORE

contos e crônicas
do Nordeste



UMBUZEIRO

Coleção

DEBAIXO DA ÁRVORE

contos e crônicas
do Nordeste

V&V Editora
Santo André - SP
2026

Nota 1: Obra coletiva elaborada de forma colaborativa, com capítulos alinhados às normas da ABNT. Os textos podem derivar de produções acadêmicas anteriores, sob orientação quanto ao autoplágio. O conteúdo é de responsabilidade exclusiva dos(as) autores(as), não refletindo, necessariamente, a posição da editora ou da organização.

Nota 2: A equipe organizadora, autores(as) e editora buscaram assegurar a correta indicação de citações e referências, colocando-se à disposição para eventuais ajustes. Correções e sugestões das leitoras e leitores são bem-vindas para aprimoramentos futuros.

© Direitos reservados. A V&V Editora detém os direitos do projeto gráfico e editorial, enquanto autores/as e organizadores/as mantêm os direitos sobre os textos. A versão digital desta obra está licenciada sob Creative Commons Atribuição–Não Comercial–Sem Derivações 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0), permitindo o compartilhamento gratuito da obra, sem alterações e mediante citação da fonte. A versão impressa permanece protegida por direitos autorais, sendo vedada sua reprodução total ou parcial para fins comerciais sem autorização prévia da editora e dos autores.

Respeite o conhecimento. Valorize os autores. Compartilhe com responsabilidade.

Impresso no Brasil
Printed in Brazil

Coleção
Debaixo da Árvore

contos e crônicas do Nordeste



V&V Editora
Santo André, São Paulo – Brasil
Tel./Whatsapp: (11) 94019-0635
E-mail: contato@vveditora.com
vveditora.com
@vveditora



Expediente

Coordenação Editorial: Everton Viesba
Revisão: Letícia Moreira Viesba
Edição: Everton Viesba
Equipe editorial: Marco André, Larisse Maia Rodrigues, Juliana Bastos, Andressa Souza.

Parecer e revisão por pares

Os textos que compõem esta obra foram submetidos para avaliação da Coordenação e Conselho Editorial da V&V Editora, sendo aprovados na revisão por pares para publicação.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

V657d Debaixo da Árvore: contos e crônicas do Nordeste. Everton Viesba (editor). Coleção Debaixo da Árvore – Santo André: V&V Editora, 2026.

174 p. : 13 x 17 cm

ISBN 978-65-6063-151-9

DOI 10.47247/EV/6063.151.9

I. Literatura brasileira. 2. Região Nordeste. I. Título. II. Everton Viesba.

CDD 869.93

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

À terra que ensina resistência sem endurecer o coração.

Às casas de alpendre, aos quintais de infância, às estradas de barro, às feiras,
aos açudes, às fogueiras e às sombras generosas dos umbuzeiros.

Que estas histórias encontrem morada em quem as ler.

Sumário

Prefácio O que há debaixo da árvore?.....	10
Everton Viesba	
Umbuzeiro, Nordeste.....	15
Everton Viesba	
Memórias em Flor.....	19
Elisangela Meira	
Eu, viajante	27
Fátima Souza	
Caminho à origem: inspiração.....	33
Solange Gonçalves de Lima	
O menino.....	39
Moab Duarte Acioli	
Profecia.....	45
Astrude Modesto	
Para meu filho, por meu neto	48
Ivo Lima	
Fruta-pão	56
Massanori Takaki	
Condomínio Dutra II – Onde o Sol Abraça e o Vento Une	61
Marcos E. Cintra	
Por onde anda Sophia?.....	65
Vitória Araújo	

Esteve aqui.....	69
Aarão Barreto	
Guerreira Ayana e o Jardim do Éden	78
Debora Maria dos Santos e Sara Santos	
Déjà vu e o umbuzeiro florido.....	84
Elenice Vaz	
Ardência e paixão no mar do sertão	89
Robério Pereira Barreto	
A Janela.....	94
Ivo Lima	
A visagem do ovo	105
Danilo Heitor	
A pescaria do pão jacaré	111
Chirles Oliveira	
Lendas do Sertão	115
Marcelo Souza de Oliveira	
Mistério na Ilha do Caranguejo	123
Verissimo dos Santos Furtado Filho	
A caçada noturna	132
Arlison Frank	
Um corpo que cai.....	140
Alexandre Breck	
Fogo na alma do sertão	146
Enver Sampaio	

BR-38I- Piabanha	151
Lore	
A história que corre quando Orós sangra	155
Everton Viesba	
Terra do sol	160
Sara Nunes Raquel Almeida	
Terra das praias	163
Sara Nunes Raquel Almeida	
Sobre os autores e as autoras.....	166

PREFÁCIO

O QUE HÁ DEBAIXO DA ÁRVORE?

Everton Viesba

———— “ ————

A árvore, símbolo deste projeto, não é paisagem. É condição.

A maioria das histórias não começa quando é escrita. Antes, elas circulam em vozes, repousam em silêncios, atravessam gerações ou permanecem em suspensão no íntimo de quem, em algum momento, as transforma em texto. Muitas se acomodam em lugares específicos, como se precisassem de um chão, de uma sombra e de um tempo próprio para existir. Seja esse lugar a memória ou o sentimento, é nesse abrigo que se desenvolvem antes de ganhar forma na escrita.

A árvore, símbolo deste projeto, não é paisagem. É condição. É debaixo dela que o tempo desacelera o suficiente para que algo, enfim, possa ser dito.

Nem toda narrativa suporta a pressa. Algumas exigem permanência, pedem corpo presente, pausa, leitura atenta, escuta. Debaixo da árvore, a palavra não disputa espaço com o ruído do mundo; ela se organiza em outra cadência. Há uma ética implícita nesse lugar, uma forma de dizer que não se impõe, mas se oferece. Talvez por isso a árvore, nesta coleção, não funcione como imagem ilustrativa, mas como um signo que sustenta o próprio gesto de narrar.

É debaixo da árvore que reunimos, conectamos, filtramos, protegemos e, por vezes, expomos aquilo que carregamos. Ao mesmo tempo em que acolhe, esse espaço também tensiona. O que emerge sob sua sombra nem sempre é



leve, nem confortável, nem se ajusta a versões simplificadas da realidade.

Quando “A vida secreta das árvores”, de Peter Wohlleben, apresenta as árvores como seres que se comunicam, compartilham recursos, reconhecem sinais e sustentam umas às outras, desloca-se a forma habitual de olhar para o mundo. O que parecia imóvel revela movimento. O que parecia isolado revela vínculo. O que parecia silencioso revela linguagem. E não é assim, também, a vida de quem escreve?

Trazer essa compreensão para o campo da literatura é reconhecer que as narrativas também se organizam em rede, que a escrita não se encerra no indivíduo, que há uma trama invisível sustentando cada história. Assim como as raízes que se encontram no subterrâneo, os textos aqui reunidos estabelecem conexões que nem sempre são evidentes, mas que atravessam temas, afetos e experiências.

Debaixo da árvore, portanto, não é apenas um título. É uma forma de estar com o outro e com o mundo. Um convite a habitar a leitura e a escrita com mais atenção, com menos pressa, com disposição para escutar o que não se apresenta de imediato.

A coleção se constrói como uma cartografia sensível do Brasil, não para delimitar territórios de forma rígida, mas para percorrê-los por dentro. Não se trata de desenhar o país a partir de suas divisões administrativas, mas de atravessá-lo por experiências, afetos, tensões e modos de narrar que emergem de diferentes contextos.



Cada volume aponta para um território, mas não oferece um retrato estático. O que se encontra são deslocamentos, fraturas, permanências e reinvenções. O Centro-Oeste, o Norte, o Sul, o Sudeste e o Nordeste não aparecem como blocos homogêneos, mas como espaços atravessados por múltiplas vozes, histórias que se sobrepõem e, por vezes, se contradizem. O que aproxima os textos não é a geografia formal, mas a maneira como lidam com o tempo, com a memória, com o pertencimento e com o estranhamento.

Há um Brasil que se reconhece e outro que se desloca dentro do mesmo texto. Há lugares que se habitam e outros que permanecem como lembrança, desejo ou recusa. Ao reunir contos e crônicas sob a mesma árvore simbólica, a coleção propõe um gesto de escuta. Não uma escuta que busca harmonizar diferenças, mas uma escuta que aceita a coexistência de múltiplos registros, ritmos e perspectivas.

O que se reúne nesta coleção não é apenas um conjunto de textos, mas um campo de relações. Cada narrativa carrega marcas de outras vozes, de outros contextos, de outras presenças que contribuíram, direta ou indiretamente, para que ela se tornasse possível. A autoria permanece, mas já não se sustenta isolada. Ela se inscreve em uma rede mais ampla, menos visível e mais densa.

Essa dimensão coletiva não é estável nem harmônica. Ela aproxima, mas também tensiona. Expõe limites, atravessa fronteiras, desorganiza certezas sobre quem escreve e de onde



se escreve. Nem tudo converge, nem tudo se ajusta, e é justamente nesse movimento que o conjunto ganha força. O comum, aqui, não está na uniformidade, mas na possibilidade de coexistência.

Debaixo da árvore, nenhuma história se encerra completamente. Elas permanecem em circulação, atravessam novos contextos, encontram outros leitores e produzem sentidos que não estavam previstos. O livro não se fecha ao final da leitura; ele continua.

Ao se afastar destas páginas, você não deixará a árvore para trás. Levará consigo a sombra, a pausa, a escuta. Nesse prolongamento que o acompanhará depois da leitura é que esta coleção encontra seu lugar.

Delicie-se com a leitura!



APRESENTAÇÃO

UMBUZEIRO - NORDESTE

Everton Viesba

—— “ ——

Algumas histórias se contam ao redor da sombra.
Outras, como estas, crescem dela.

Há árvores que oferecem sombra. Outras oferecem fruto. Já outras, atravessam gerações como marcos de paisagem. O umbuzeiro faz tudo isso ao mesmo tempo. Talvez por essa razão ele tenha sido escolhido para dar nome a este livro.

No sertão, o umbuzeiro não é só uma árvore, tornou-se encontro, espera, virou memória e passou a ser abrigo para quem enfrenta o calor e procura repouso. É sinal de que a vida encontra caminhos mesmo quando a terra nega qualquer possibilidade. Suas raízes avançam para dentro da seca sem abandonar a esperança da chuva. Seus galhos guardam histórias. Seus frutos carregam sabores que driblam tempo.

Este livro se constrói à sua imagem.

Cada texto aqui reunido parece surgir de um mesmo tronco invisível, ainda que escrito por mãos diferentes. São narrativas que percorrem estradas de terra, feiras, povoados, açudes, quintais, praças, cidades e sertões. Algumas caminham pela lembrança de quem retorna, outras seguem os passos de quem partiu. E há quem procure a infância e quem tente compreender o próprio lugar no mundo. Bem como quem olhe para trás e encontre a família ou quem olhe para frente e encontre a si mesmo.

As páginas que seguem carregam o cheiro do café passado na hora, o barulho das conversas na varanda, o silêncio dos caminhos percorridos ao amanhecer. Carregam o sabor do umbu colhido do chão, das receitas herdadas, dos saberes



transmitidos entre avós, pais, filhos e netos. Carregam também aquilo que não se vê, mas permanece. Porque o Nordeste presente nesta coletânea não é apenas geografia, é uma forma de habitar o mundo.

É o gesto de quem oferece um banco na sombra para o visitante descansar. É a memória guardada em cartas antigas. É o nome gravado numa árvore décadas antes de alguém voltar para reencontrá-lo. É a criança que transforma um quintal em reino encantado. É a mulher que passa o tempo procurando suas origens. É o homem que retorna para compreender o que nunca deixou de ser.

O Nordeste que habita estas páginas não surge como cenário distante ou paisagem turística, mas como experiência vivida. Surge nas vozes de quem conhece a seca, mas também conhece a abundância dos afetos. Surge nos caminhos de barro vermelho, nos açudes que guardam histórias, nos povoados que parecem pequenos aos olhos de quem passa depressa, mas que contêm universos inteiros para quem decide permanecer.

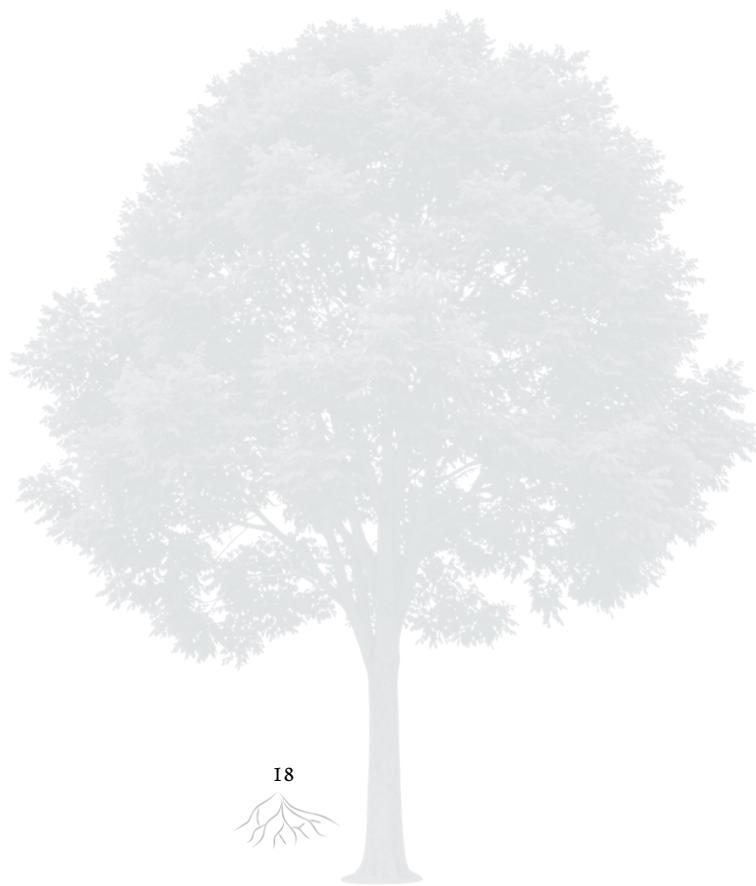
Há, ainda, os mistérios, porque toda terra antiga guarda suas assombrações, suas visagens, seus causos, seus segredos. Em certos momentos, as histórias deste livro caminham pelas fronteiras onde memória e imaginação deixam de ser opostas. O fantástico não aparece como fuga da realidade, mas como uma das maneiras de compreendê-la. Afinal, quem cresceu ouvindo histórias ao redor da mesa sabe que nem tudo precisa ser explicado para ser verdadeiro.



Que toda memória, quando compartilhada,
transforma-se em fruto. E que, em algum lugar entre a seca e a
esperança, entre o barro e a flor, entre o silêncio e a palavra,
existe sempre uma sombra esperando alguém chegar.

Uma sombra generosa.

Uma sombra de umbuzeiro.



MEMÓRIAS EM FLOR

Elisangela Meira



Toda raiz começa como lembrança antes de se tornar árvore.

As janelas do veículo emolduravam paisagens extraordinárias formando uma pequena exposição de realidades desconhecidas. O ônibus serpenteava por serras rochosas, fazendas sem fim e vilarejos próximos à rodovia ou colorindo vales distantes de terras do território baiano. A velocidade foi reduzida pelas lombadas e, alguns passageiros despertaram do cochilo por causa do sacolejar do ônibus.

Com o rosto colado ao vidro, uma menina prestava atenção a tudo, via o mundo passar sem se cansar, era como folhear o livro ilustrado do pai. A paisagem, que se revelava à medida em que o veículo avançava, parecia se ressecar, coberta por uma fina poeira dispersa no ar, sobretudo nas regiões próximas aos pastos. Porém o cenário do clima semiárido verdejava em trechos de plantações e vales. Avistava-se plantações de árvores baixas e frondosas em inflorescências brancas.

Tudo se encheu de sons e cores quando uma multidão de crianças rodeou o ônibus. Batiam nos vidros das janelas com uma das mãos e com a outra, seguravam formas cobertas por alvas toalhas. Outras equilibravam caixas de isopor na cabeça. Ofereciam aos passageiros produtos da região: frutas, salgados, sucos, geladinho, banana real, umbu, pastel e doces caseiros embrulhados em folhas.

As vozes agudas lembravam passarinhos de manhã. Cada uma, a seu modo, procurava encantar com sua iguaria. A menina viu sua mãe falar com um dos meninos. Ele abriu uma



caixa de isopor e com as pequenas mãos, encheu uma lata de óleo reaproveitada com frutas que pareciam limões.

O menino ao perceber que não tinha troco, ofereceu mais um punhado de frutas e a mãe respondeu com um gesto afirmativo da cabeça. O menino beijou sua mão e a menina gravou aquele instante como quem grava um bonito segredo.

— Quando chegarmos na casa da vó, vamos lavar para comer o umbu — sorriu para a filha e o sobrinho com olhos risonhos. Percebeu que queriam mesmo era experimentar os umbus ali, mas apressou-se em deixar seus assentos limpos e juntar os pertences para desembarcar.

Na rodoviária, um homem de chapéu chegou cedo e, foi logo cercado por meninos que se ofereceram para carregar malas. Assim que o ônibus parou, acenou para as irmãs com animação, trocou algumas palavras com o motorista, ajudou a tirar as malas do bagageiro e confiou-as aos meninos em troca de uma caixinha. Em seguida abraçou com força as irmãs e beijou os sobrinhos.

— Vocês fizeram boa viagem? Vamos que mamãe está esperando vocês — ajeitou o chapéu e foi orientando os meninos que já conheciam o endereço.

Muitas crianças os acompanharam do centro da cidade até a casa da família. As pessoas acenavam das janelas ao verem passar o grupo. A menina silenciosa retribuía com sorrisos e acenos tímidos.



A avó os esperava no passeio da casa. Seus cabelos brancos luziam, estavam penteados com capricho e cheiravam a lavanda. Ela protegia os olhos do sol com uma das mãos. Tocava o peito sentindo o coração pulsar acelerado. Desde que as filhas haviam migrado para São Paulo, sentia-o apertado. Só aliviava escrevendo cartas cheias de saudades e com orações sussurradas dia e noite. As filhas vinham uma vez por ano matar as saudades, traziam muitos presentes e amorosas que eram, enviavam todo mês itens que a mãe não encontrava nos armazéns da cidade pequena.

Ao ver o grupo se aproximar, agitou os braços agradecendo a Deus e vibrando com a chegada da “comitiva”.

— Ah, minhas filhas queridas — disse chorando ao ver as filhas subindo as escadas. Foi um momento de muita emoção e alegria o reencontro. Ela aproximou-se da menina, ajeitou seus longos cabelos para trás dizendo:

— Deus te abençoe, minha neta! É a cara do pai! — exclamou — Está quase da minha altura.

— Verdade — concordou o tio, ajeitando as malas no quarto ao lado da sala.

— Passou mal a viagem toda, mesmo com remédio — disse a mãe.

— Estômago frágil como o meu — completou a vó, sorrindo com ternura e se agarrando à neta. Olhou à volta, procurando pelo neto, filho de sua outra filha. O menino brincava na rua com as crianças da vizinhança. Sua mãe o



chamou para cumprimentar a avó e ele subiu as escadas esbaforido, limpando o rosto suado com as mãos.

— Deus te abençoe, meu neto. Já fez amigos — disse sorrindo e o abraçou.

Os adultos começaram a dar notícias dos parentes. A menina ficou escutando as conversas fragmentadas, ouvindo trechos de histórias sem compreender direito, mas que as envolviam como antigas canções ou enigmas.

A família se juntou na cozinha, o fogão à lenha aquecia o ambiente e a avó abanava o fogo com o abano de palha. Preparava seu almoço cedo, sua comida tinha um preparo especial para não agravar seu estômago: a carne era moqueada, o pirão de caldo de feijão passado em peneira e a banana São Tomé era assada. Deu um pouco de pirão aos netos, a menina provou com a reverência de quem prova uma poção mágica. Nunca se esqueceria daquele aroma, daquele instante.

O almoço chegou, mas o pensamento dela era o umbu. Finalmente a mãe lavou as frutas e colocou-as em duas tigelas esmaltadas.

— Pronto, crianças! — elas fizeram suspense para dar a primeira mordida na fruta. Com surpresa, a menina sentiu o sabor azedo e doce, como o sabor de Danone.

— Mãe, como se chama a árvore de umbu?

— Umbuzeiro.

— Tem umbuzeiro aqui? — perguntou o primo apontando para as árvores lá fora.



— Tem sim e está carregado — respondeu a vó já se dirigindo para o quintal. Todos a seguiram animados, as crianças na frente agarradas ao braço da avó.

A árvore estava plantada no fundo, de longe se assemelhava a uma sombrinha verde aberta, seus galhos pareciam se abrir em abraço generoso. Os frutos forravam o chão e nas pontas dos galhos pendiam muitos cachos como os bordados que a mãe fazia. A menina fico olhando sentiu que conhecia o umbuzeiro há muito tempo, como conhecera o tio, a vó pela leitura que a mãe fazia das cartas, pelas fotos e histórias de família ou quem sabe, ela tivesse sonhado com a árvore.

— Só peguem as que caíram, hein? Nada de subir nos galhos — alertou a tia, entregando às crianças vários cestos.

E assim os primos passaram a tarde, debaixo do umbuzeiro, entre sombras e risos, enchendo os cestos de frutas e a imaginação de histórias.

— Vamos fazer cavalinhos? — perguntou o menino e seus olhos verdes brilharam.

— Boa ideia, vou pedir para a mãe palitos!

Na hora do lanche, subiram com seus cavalinhos feitos de frutos e sonhos. Já estavam com as faces coradas pelo sol da manhã e tagarelavam sem parar. Um suco fresquinho já os esperava com bolo de puba.

A casa fervilhou de gente naquele dia. O tio chamava os vizinhos, servia café e bolachas, enchia-se de orgulho das irmãs



de São Paulo. Tudo era simples, solene e quente ali: o café, os abraços, as conversas, o fogão, a comida.

No café da manhã do dia seguinte, mais descobertas: banana da terra com manteiga, batata assada, carne com farinha. A avó comia bolacha salgada mergulhada em leite. Cenas lindas que se imprimiam na memória das crianças.

Mas foi no quintal que a alma da menina despertou. A avó mostrava o jardim com a paciência dos que conhecem o tempo das floradas: roseiras, capela-de-noiva, cravinas, margaridas, jasmim... Apontou o pé de chuchu que se entrelaçava na cerca e teimavam em atravessar o quintal da vizinha.

Naquele dia entendeu, sem palavras, que há seres e lugares que nos habitam antes mesmo de os conhecermos. E que certas presenças, mesmo quando distantes, seguem oferecendo sombra e consolo ao serem lembradas. Assim como certas plantas, há laços de afeto que ultrapassam fronteiras.

E lá no fundo, o umbuzeiro se alargava em sombra e memória. Era mais que uma árvore, era abrigo de memórias sagradas, brinquedo e esperanças.

A terra embaixo da árvore era seca e batida, porém havia ali a menos de 30 centímetros uma umidade secreta. Sob o chão, as raízes trabalharam em silêncio durante toda a seca, guardando em seus tubérculos água para os tempos de seca e cura. Ymbu, que significa “árvore que dá de beber” em tupi-guarani se autoirrigava para formar as flores e os frutos, também

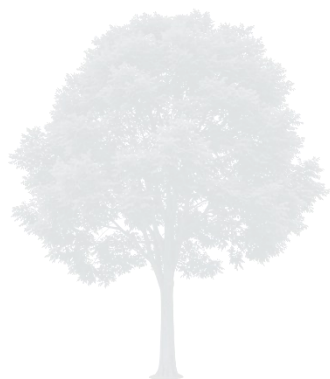


aproveitava a água das chuvas para a próximo ciclo. Um exemplo de resistência e adaptação inteligente. Era milagrosamente capaz de florescer na seca, as flores brancas contrastavam com o emaranhado de galhos secos, criando um bordado de rendas brancas e fibras resistentes.

A menina não sabia disso, mas o coração sabia: ele também escondia reservas de ternura e força para atravessar os dias difíceis da vida e curar as enfermidades da alma.

Aquela viagem feita de reencontros, descobertas, flores em botão e raízes profundas, seria para sempre lembrada com uma alegria delicada e um tom de doce nostalgia. Sempre que o mundo ficasse grande demais, ela, pequenina, se recolheria ali, em pensamento, sob a copa do umbuzeiro. E se lembraria do sabor do umbu, doce e ácido, feito a própria vida, e por isso mesmo, inesquecível.

Ao folhear o livro de seu pai, aquelas lembranças se materializaram no pequeno galho de flores brancas que caiu em seu colo e, segurou-o com reverência, sua mente a levou bem longe. Para uma viagem inesquecível, sentiu-se à sombra do umbuzeiro que a transportou a um tempo de inocência e de descobertas.



EU, VIAJANTE

Fátima Souza

— “ —

Viajar também é regressar aos lugares que nos habitam.

Sempre gostei de viajar. A primeira consciência de viagem devo à tia Neusa. Tia por afinidade, na verdade, tia em segundo grau dos meus filhos. O primeiro encontro com o continente europeu. O deslumbramento, a história vívida, a cultura, o suspiro. Isso é história. Na verdade, a viagem objetiva, consciente, com finalidade. No caso, conhecer; vivenciar; apreender.

As reflexões sobre a vida remetem a outras viagens e foi refletindo sobre isso que decidi registrar a minha trajetória. Trajeto, caminho, independente do tempo e da consciência de viagem.

Pouco se conhece sobre o princípio. Os historiadores fazem análises e interpretam à luz da ciência, o que pode ser inferido para a humanidade. O individual, a unidade, a pessoa, a célula? A ausência de consciência no momento da fecundação? O ser ou não ser. O vingar para a vida. Sinto falta desse momento primeiro de existência. Sei, sou curiosa, às vezes pesquisadora, mas, não consigo chegar lá. A viagem primeira, a fecundação o ato supremo do acasalamento é de uma sensualidade extrema.

O trajeto para o útero materno, aí começa o caminho da independência? O aconchego, conforto de hotel de charme, se tudo estiver bem. Esse estado é outra interrogação. São inúmeras as variáveis do bem-estar pessoal e coletivo. A expressão do princípio se dará ao longo do percurso, de forma consciente ou não.



As narrativas são as primeiras impressões que ficam na memória consciente. Alguém diz que sabe como foi o percurso. Conta histórias, faz revelações e, como a história não é isenta, registra também os seus achismos. Pois bem: os meus pais moravam no Recife, acho que no bairro de Casa Amarela.

Minha mãe, já com quatro filhos, engravidada. Eu fui a quinta filha e, depois de mim, a caçula. Apesar de morar na capital preferia ter os filhos no interior, onde residia sua mãe, minha avó. Portanto, concebida em Recife, nascida em Surubim, tenho de coração, duas cidadanias. Imagino a viagem, que aqui intitulo de primeira, para Surubim, minha cidade natal.

Era janeiro, quentura de verão, sol a pino e céu azul limpo de nuvens. Minha mãe com 29 anos e oito meses de vida, teria o(a) seu(sua) quinto(a) filho(a). Eita! Quase esquecia de relatar que, além desses cinco filhos tinha tido mais um, o primogênito que faleceu com aproximadamente um ano de vida. Então, na verdade, eu seria a quinta gravidez. Pensando na cronologia das gestações, o meu segundo irmão nasceu quando ela tinha 24 anos. Portanto, no nascimento do primeiro filho ela deveria ter entre 22 e 23 anos. Dos 7 filhos, seis chegaram à idade adulta e ainda estão todos vivos até o momento (2022).

Da morte do primogênito, envolvida em nuvem de mistério e tristeza, pouco se sabe. A responsabilidade recaiu em uma briga de gatos que assustou o bebê, levando a convulsões e morte. Tento imaginar as possíveis causas dessa morte:



meningite, cardiopatia, entre outras. Foi tanto o amor por esse irmão desconhecido que o filho que minha mãe gestava, àquela época, recebeu o mesmo nome do falecido. Nunca consegui entender isso. Pouco se falava sobre ele e do sofrimento da perda.

Voltando à minha viagem, não sei qual foi o meio de transporte. Poderia ter sido ônibus ou carro alugado. Acho mais provável ônibus, pois eles não tinham carro e não tinham muitas posses. Fico viajando na imaginação e vejo o retorno dos retirantes, com quatro filhos, nas estradas empoeiradas e sem asfalto que conduzia ao município de Surubim. À chegada, a acolhida e a espera. Minha avó, uma mulher pequenina na estrutura física, viúva, de uma elegância ímpar na sua simplicidade. Forte, como fortes são as nordestinas, firme em suas crenças e virtudes. Aos 23 dias do mês de janeiro cheguei pelas mãos de Dr. José Nivaldo, o respeitado jovem médico de Surubim que, muito depois, seria meu segundo pai. A viagem de volta ao Recife aconteceu um mês depois do nascimento e o percurso refeito inúmeras vezes ao longo da vida.

Poucas são as memórias da infância. Breves lembranças de cérebro ainda imaturo. Vozes, conversas, minha mãe, minha avó, braços, aconchego, cadeira de balanço, tudo assim, indefinido e esfumado.

Depois as procissões, minha avó, Dona da Luz, em sua impecável roupa bem lavada e passada, com a fita vermelha do Coração de Jesus. São João, fogos, fogueira, milho de todo tipo



e perfume: assado, cozido, pamonha e canjica. Fogareiro de carvão para melhorar o sabor. Raspa de panela para a felicidade das crianças. A feira de rua se transformava em barracas de guloseimas. Os brinquedos: roda gigante, barcas de madeira, tipo de balanço, e outros tantos das festas do interior. Minha avó por parte de pai, Isaura. Pouco chegada a afetos, preconceituosa, fazia distinção entre os netos brancos e morenos. Eu era a neta morena. Faleceu recebendo os cuidados dos netos médicos, um branco e outra preta (euzinha).

Minha madrinha, Carminha, minha segunda mãe. Passei muitos dos meus fins de semana em sua casa. Lembro dos passeios frequentes aos jardins da histórica Faculdade de Direito do Recife, da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), um dos primeiros cursos jurídicos do Brasil. Edificação belíssima, imponente, com jardins de árvores centenárias, mobiliário urbano em estilo clássico de ferro fundido e madeira ou concreto que mais pareciam, aos olhos infantis, suntuosas poltronas.

Parque Treze de Maio, outra delícia de lugar. Balanços, escorregos e sombras para o descanso da garotada. Tornou-se palco da famosa Festa da Mocidade voltada para estudantes e jovens da cidade, unindo natureza, educação e cultura. Outros momentos marcante dessa convivência foi o carnaval. Conheci o corso, desfile de carros ornamentados, fantasias, confetes, serpentinas faziam a brincadeira dos carnavalescos. O lança-perfume, tubo de metal que jogava líquido gelado e perfumado



nos foliões, tornou-se símbolo das brincadeiras momecas. Lembro do susto, ao perceber o uso inalatório transformando o perfume sensual dos namoricos em droga recreativa.

Assim foram os primeiros caminhos. Outros relatos, tantos quantos os meus 72 anos de vida permitam, impulsionarão o meu desejo de transformar lembranças em registros acessíveis a quem interessar possa.



CAMINHO À ORIGEM: INSPIRAÇÃO

Solange Gonçalves de Lima

———— “ ————

Quem procura suas origens, descobre que
nunca caminhou sozinho.

De acordo com minha filosofia de vida “Inspiração” vem do alto, de Deus, Espiritualidade e Universo, dependendo de como ouvimos, sentimos, percebemos com nossos corações. Já a “Intuição” vem do nosso interior, igualmente merecendo ser respeitada.

Essa introdução se fez necessária em razão de ter recebido a Inspiração de conhecer o Sertão do Ceará, mais ou menos uns três meses antes de completar 70 anos de idade no dia 20 de setembro de 2025. Acredito que junho de 2025. Meu coração acatou de pronto tal Inspiração em razão de querer conhecer e buscar minhas raízes , origens em um local tão amado e respeitado por meus avós maternos, paternos e familiares.

Conhecer o Crato , Cedro , Juazeiro do Norte, Várzea Alegre, a Cachoeira, Sítio Pai Raimundo, Açudes de Orós , Lima Campos e outras localidades, que acenderam uma chama muito forte em meus espírito e coração, ressignificaram minha existência por viver , conhecer pessoas , lugares únicos que me fizeram compreender o amor que meus familiares tinham pelas pessoas, locais, história onde nasceram e decidiram sair em razão da “ SECA” , que os afligia e castigava muito.

Saíram também pelo incentivo de um visionário, chamado Clodoaldo Nunes de Almeida e uma mulher a frente do seu tempo, tia Sinharinha, Izabel Nunes Bezerra, que não só abriram portas para as próprias vidas, ao sair da terra que tanto amavam e respeitavam, como incentivaram familiares a buscar



novos, ousados e desafiadores rumos, construir vidas dignas e viver com mais e melhor qualidade.

Um dos que aceitaram o incentivo do Clodoaldo , foi meu avô materno, Francisco Nunes de Macedo, o Chico Henrique e minha avó, Raimunda Gregório de Macedo, a Mundozinha, que saíram de pau de araras com sete filhos , em direção a São Paulo, por volta de 1.948 / 1.949.

Fato esse que abriram portas a mudaram a vida dos filhos, filhas, que vieram do Ceará , e os que nasceram em São Paulo, netos, netas e demais familiares.

Meus avós e os sete filhos desceram na Estação da Luz a época, sendo recebidos pela tia Sinharinha que os encaminhou para Paranavaí no Paraná, Lucélia no Interior de São Paulo e finalmente para a Penha na cidade de São Paulo.

Conhecer as pessoas e região da origem da minha família , me fez compreender o desejo falado por meu avô Francisco , que não queria morrer em São Paulo e sim “ morrer no meu Ceará “. Desejo esse que foi atendido por Deus, pois no Cemitério das Colinas em SBC / SP, no dia do enterro da minha avó Mundozinha, falei para as filhas e filhos do meu avô, permitir que ele fosse passar umas férias no Ceará. Meu coração sentiu que meu avô ia morrer ao chegar lá, pois eles viveram sessenta e seis anos juntos e não iam conseguir viver separados um do outro.



Ir para o Juazeiro do Norte, ser recebida com minha amiga por Rosa Maria Del Valle , pelo primo , José Roberto Moreira e Silva e sua esposa, Mayara Moreira Barreto Leandro, ficando hospedada na casa deles, que para minha surpresa emocionante era o local em que minha avó Mundozinha, mãe da minha mãe nasceu. Esse sítio é casa eram do pai da minha avó, João Gregório, que vendeu para o Raimundo Belizário, que vendeu para o Osmundo e Amélia, pais da Ana Carmem Moreira Barreto Leandro e avós da Mayara.

Foi bom demais ficar no sítio e casa extremamente aconchegantes , com uma família unida, amorosa, religiosa, como várias que conheci na região , sendo que a família cuida da adolescente, Evnny Lorranny Moreira e Souza e seu filho, o bebê , Kauã Moreira Batista .

Nossa primeira parada foi no Crato, na Congregação dos Filhos de Santa Tereza de Jesus, Abrigo da Velhice Abandonada Jesus Maria José, sendo recebidos pela prima , Francisca Neide Viana Moreira Costa, seu esposo Antônio Nogueira Costa e a encantadora e batalhadora , irmã Bertila, Maria Floremir Moreira.

Foi absolutamente impressionante visitar a instituição que estava em reforma, custeada por contribuições do Imposto de Rendas, gerenciados pelo casal, José Roberto Moreira e Silva e Mayara Moreira Barreto Leandro.

Impressionante ver a vitalidade e dedicação da irmã Bertila a frente da instituição .



Já a segunda parada foi no sítio e casa onde vive meu primo e família , que guardaram surpresa absoluta que ficaria hospedada na casa em que minha avó, mãe da minha mãe nasceu.

Na sequência fomos ao sítio Paraíso dos Cavalos , pertencente ao Dr. Luiz Luciano, primo do meu pai, Manoel Sandoval Gonçalves.

O Dr. Luiz contou emocionado que ele, meu pai e primos foram recebidos pela parteira, irmã da minha avó Maria Duarte, falando da sua infância ao lado do meu pai .

Além de manter o sítio extremamente bem cuidado, orientou o funcionário que nos levou ao local exato , onde era a casa dos meus avós paternos , Martinho Torres e Maria Duarte, viveram e seus filhos nasceram.

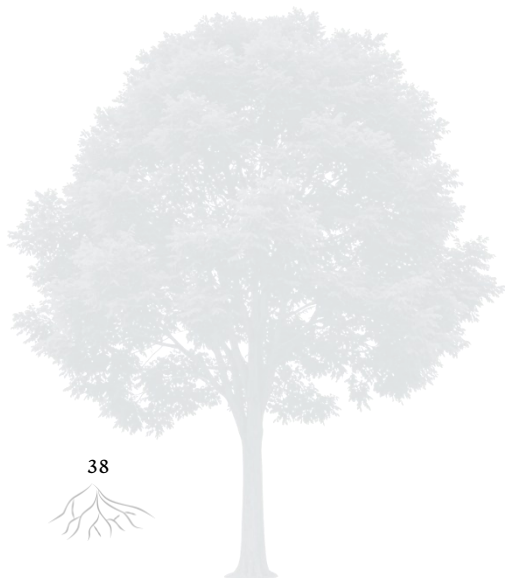
Embora a casa não estivesse mais em pé, pisar no terreno com tijolos da casa me fizeram dar continuidade ao meu objetivo , que era buscar e encontrar minhas raízes , origens, trazendo inclusive dois pedaços de tijolos que estão em meus lares, para documentar tal vivência .

Nossa pesquisa seguiu aprofundada , buscando encontrar a casa em que minha mãe nasceu e graças ao senhor José de Viana, José Barreto Viana conseguimos encontradas ruínas da casa em que minha mãe nasceu e pisar no terreno em que a mãe do meu avô paterno viveu, Vicencia Nunes de Almeida.



Faltam palavras para descrever a riqueza dessa viagem ao Sertão do Ceará, que além de virar uma chave em meu espírito e coração de ater a gratidão a todos que me antecederam pela coragem, força , amor, alteridade, altruísmo, como conhecer o Juazeiro do Norte, ver a estátua do Padin Cícero, tomar banho no Açude de Oros, tão falado pelo meu pai, ir à Igreja da mãe Terezinha, matriarca, que veio a São Paulo, auxiliada pelo filho Jove, para seguir a tradição de falar para o seu neto, no caso meu avô Francisco , meu neto da cá teu neto, que era eu , Solange e minha irmã Sônia .

Assim como conhecer o Projeto coordenado por Maria Alaide Pires Moreira , de levar água para todos os sítios da região, por meio da instalação de CACIMBAS , suprimindo a vida das pessoas, animais e natureza, para não precisar mais abandonar a terra e pessoas amadas em função da seca.



O MENINO

Moab Duarte Acioli

———— “ ————

A infância guarda caminhos que o tempo não consegue apagar.

O menino não sabia que o tempo não durava tanto, as distâncias não eram tão longínquas e as casas não tão espaçosas. Ao copiar em papéis vegetais dos cadernos de desenho, aquele mapa onde os pequenos círculos representavam cidades de um estado nordestino, apenas aceitava ser esse o mundo.

O menino era curioso e enxerido. Entrava nas casas porque era invisível e enxergava os detalhes do que se movia na paisagem. Entre as visões, aquele rapaz falando e andando com jeito de moça, acompanhado por moças que o olhavam com carinho e compartilhavam sorrisos e gracejos.

Perguntou ao pai quem era o rapaz, o pai olhou para a mãe seriamente, e o menino percebeu que também era perigoso perguntar por que aquele rapaz era daquele jeito. Restava silenciar-se.

Na feira às quartas e sábados, sentia dó das pobres galinhas gemendo a ter os pés amarrados com grosso barbante, deitadas em carros de mão de madeira. Espantava ver adiante, melancólicos, sabiás-laranjeira, galos-de-campina, corruptions, enclausurados em gaiolas de cana-de-roca, vindas das Terras do Reino.

Certo dia, o pai lhe deu um passarinho, e o menino foi levar alpiste para o seu animal de estimação, que era mais esperto do que ele, e saiu voando pela portinhola aberta. A ave rabiscava o céu com voos de euforia, ziguezagueando de uma



árvore para outra, e o rasgava com seu canto harmônico de júbilo.

Bárbaro tinha sido ele, e não o canto do pássaro. Aquilo lhe fez ver a cura da melancolia, décadas depois. Havia um cheiro doce no ar, que não vinha do mar verde da cana-de-açúcar, vinha das laranjas, melancias, bananas, mangas, mamões - dependendo da época -, descansando pelas barracas ou espalhadas em toalhas de linho ao chão.

Dos canaviais não vinha um hálito doce, vinha um pranto angustiante de quem foi arrancado das suas raízes africanas, acorrentado e espancado como bicho, restando apenas, como o menino, o dever equivocado de não dizer nada.

Mas da plantação não emanava apenas o gosto metálico de sangue, vinha outro que era doce, a rapadura. Para uns nutritiva e para outros inútil, entretanto ao ser misturada derretida - o *mé* d'engenho -, com inhame cozido e bem amassado com um garfo, remete descobrir infância nos olhos do seu pai, o que dá esperanças ao menino de nunca envelhecer.

E o homem da cobra vendia as suas panaceias anteriores à indústria farmacêutica. A cobra representa Asclépio, deus grego da cura, em cujo cajado está enrolado um ofídio. Diferentemente, no caduceu de Hermes, nele estão dois. Faz mais sentido. O curador é mensageiro dos deuses, como Hermes, e a cobra ao mesmo tempo produz o veneno e o antídoto, e assim são os remédios, efeitos terapêuticos e colaterais.



Asclépio tinha duas filhas: Hygeia que curava com as palavras e Panaceia com as plantas. A performance do homem da cobra era a linguagem que nos deleitava de prazer e as plantas, curava a dor do corpo. Mas não eram transparentes como alecrim-pimenta, para os germes; aroeira, para as febres; babosa, para as feridas; boldo, para o fígado; capim-santo, para os nervos e mastruz, para os vermes.

O homem da cobra sabia que o matuto não precisaria dele se fossem apenas fórmulas simples. Ele criaria receitas secretas, em compostos milagrosos chamados garrafadas, feitas das folhas, raízes, cascas, álcool, mel, descansado por um tempo, e combinado de acordo com o mistério da tradição.

Não era tão simples também porque nem as plantas e nem as garrafadas curavam o pior dos germes: a xistose. Ela causava a barriga d'água que levava à morte. E todos sabiam que ela vinha do grande rio, ornamentado pelas orgulhosas pedras que guardavam o segredo dos primeiros tempos. Todos sabiam, mas a necessidade do rio, não era o calor e nem ser local de despejo de urina e fezes, era um eterno batismo de uma identidade de quem é da zona da mata alagoana.

Ser matuto é preciso, viver não é preciso.

Súbito, o menino se depara com um oceano de cirrus e cumulus, as nuvens mais brancas. São gordas sacas de linho, em cujo ventre descansa o produto da ralação, prensagem, esfarelamento, peneiração e torragem da raiz da mandioca.



Uma farinha em que também se mistura com o *mé* d'engenho, e também os doces em calda, seja banana, goiaba, jaca, ou no feijão, na carne, ou no anedotário familiar. Em viagem que fez com seu pai a negócios em Recife, ambos foram apresentados à lasanha ao molho de tomate e queijo, na casa de uma tia paterna. O pai do menino, mais matuto do que o menino, pediu em alto e bom som: - Irmã! Traz a farinha.

Achando que já viu tudo, resolveu voltar para a sua casa em uma das duas maiores praças, e começou a percorrer ruas em algazarra pela feira. E tudo se tornou mais movimento quando os pivetes descalços, de calção e sem camisa começaram a gritar: “Bereguedé”, “Bereguedé”, “Bereguedé”.

O louco da cidade, de nome enigmático, saía correndo atrás dos moleques, com um pequeno pedaço de pau, enquanto eles se esquivavam e continuavam rindo em seus sadismos sociais.

Não se trata de feriado, mas sim de feira, quando também havia boiadas conduzidas por altivos vaqueiros a atravessar a cidade para irem ao matadouro fora do perímetro urbano. Chapéus de couro, gibões – casaco também de couro adornado para proteger o vaqueiro dos espinhos e galhos da mata-, as perneiras – igualmente feitas de couro resistente a cobrir desde os joelhos até aos pés, e a proteger também de insetos peçonhentos – as botas e as esporas.

Durante o trajeto, os aboios são versos decorados pela oralidade, cantados em escalas modais, diferentes das escalas



maiores e menores europeias: “Menina me dê um cheiro, que eu não quero no pescoço, quero no bico do peito que é macio e não tem osso, pra que quando eu for pro céu me lembrar quando era moço, ei gadim manso, ei vaquejada!”

Chegou na livraria do pai e nela havia um cheiro de papel e de tinta. Mais velho, o menino tinha compulsão em comprar livros, cadernos e canetas. O olfato parece estar próximo da memória, e esse cheiro de papel e de tinta remetia a um tempo que durava sempre, a distâncias longínquas e a casas sem jardim extremamente espaçosas.



PROFECIA

Astrude Modesto

———— “ ————

Há destinos que chegam primeiro como sussurro.

Ela era criança. Quantos anos ela tinha na época em que aconteceu, eu não sei dizer. Mas era pequena, devia ter uns cinco ou seis anos, e estava acompanhando a sua mãe até o local de trabalho do seu pai. A lembrança ficou para sempre na sua memória. Essas coisas de profecia a gente nunca esquece. Sempre ouvi dizer que as crianças são anjos. E minha mãe diz que se algo é dito pela boca de um anjo, assim tão espontaneamente, é porque há de acontecer.

Ela nasceu em Salvador, na Bahia, e os fatos que serão relatados a seguir se passam nessa cidade. Como dito anteriormente, naquele dia ela estava indo com a mãe até o local de trabalho do seu pai. Ele era bancário e trabalhava em uma agência no bairro Comércio. A família morava no final da linha da Federação. Quando elas – a mãe e a menina – precisavam ir à agência, quase sempre pegavam algum ônibus que parasse em frente ao Mercado Modelo e desciam ali mesmo, de frente para a Baía de Todos os Santos.

Porém, naquele dia, elas desceram na Avenida Sete de Setembro, porque a mãe da menina queria comprar alguma coisa que, hoje, ela já não se lembra mais. Por isso, teriam que descer toda a Avenida Sete e subir a Rua Chile para descer no Elevador Lacerda e chegar ao Comércio. A menina adorava o Elevador porque dava um friozinho na barriga momentos antes de abrir a porta. Talvez elas pegassem o Plano Inclinado, que a menina gostava ainda mais porque tinha janelas de vidro e dava para ver o mar. Ela já conhecia um pouco de todas essas ruas.

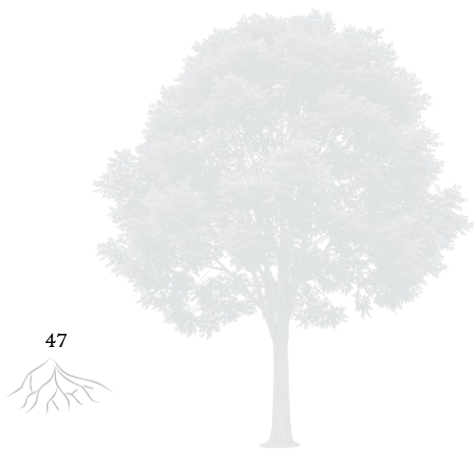


Mas, no dia da profecia, antes de chegar ao Elevador Lacerda ou ao Plano Inclinado, a Praça Castro Alves no meio caminho pareceu uma novidade, com aquele monumento enorme do poeta.

Foi naquele dia que a menina descobriu outra parte de Salvador e outra parte dela mesma. Curiosa, como toda criança, ao passar pela Praça, ela quis saber quem era Castro Alves. A mãe disse que era um poeta. Mas ela quis saber o que faz um poeta. A mãe naturalmente respondeu que um poeta é alguém que escreve poesias. Mas ela também quis saber como se faz poesia. A mãe, sem jeito, disse que poesia se faz com palavras, formando frases, fazendo rimas. Então, ela perguntou o que era uma rima. A mãe disse que a rima pode ser feita com palavras que terminem com o mesmo som e deu alguns exemplos. Logo, a menina começou a rimar com as palavras que tinha ao alcance da sua pouca idade.

E profetizou:

- Minha mãe, eu vou ser poeta quando crescer.



PARA MEU FILHO, POR MEU NETO

Ivo Lima

———— “ ————

O que passa de geração em geração
nem sempre cabe em heranças.

As tábuas estão caindo, o teto já desabou em algumas partes. Do galpão já quase nada resta, ele se acabou. Eu fui esquecido aqui, o menino Jesus está quebrado, ele ia me consertar antes de enfartar, o tempo não foi piedoso com nenhum de nós.

Não me lembro direito de quando o barro de que sou feito foi moldado, mas jamais iria esquecer do sol escaldante que atravessei. Vim de presente para o pai dele, quantas vezes não me implorou por chuva.

O pai me colocou em um oratório pequenininho, que já não existe mais, no lugar foi feito um oratório grande, eu comecei a ficar mais no canto à medida que os outros santos apareciam.

No começo a oficina era pequena, o couro era bruto, depois começaram os desenhos e detalhes feitos à máquina, as sandálias eram construídas de todas as maneiras, cada uma única. Depois vieram as bolsas, casacos, chapéus, cintos; o negócio se expandia.

Então veio o menino. Que benção de nosso Senhor! Um menino forte e saudável, filho único. O menino até foi matriculado na escola, mas não foi para frente. O destino dele começou cedo, eu olhava tudo do meu canto.

Nosso Senhor ouviu as súplicas: tudo começou em um dia de chuva. A professora estava doente, as aulas foram canceladas. Ele chegou perto do pai, esse, vendo o interesse do menino, ensinou o corte do couro, ele pegava rápido e a escola



aos poucos foi largada. Ele herdou o ofício do pai. Eu continuava aqui, observando.

O tempo veio, a mãe orava, o pai costurava o couro e o menino, crescido, aprendia cada vez mais; eu rezava e pedia por eles. O pai adoeceu, o tempo foi curto, Deus o chamou para junto dele. O menino se tornou homem para sustentar a casa.

A vida segue correndo e arrastando tudo que nela mergulha, a erosão que transforma e recria segue as imposições do relógio, o ciclo do dia e da noite. O menino se tornou rapaz, começou a trabalhar e conheceu uma boa moça. Eles se casaram. A oficina continuou. Então tudo mudou quando o filho nasceu.

Foi por essa época que esse galpão foi erguido. O negócio precisava crescer, ele amava esse menino mais do que tudo e não queria que tivesse essa vida sofrida, queria mudar, aumentar o negócio, a produção. O filho iria estudar, ele ia morrer de trabalhar, mas o filho iria ser doutor. O galpão era tão belo quando foi feito, foi aumentando com os anos, crescendo além da oficina. Hoje se deteriora mais do que ela e diminui a cada dia.

Houve outro dia de chuva, mas esse dissonava dos outros. O filho chegou calado, como ele quando menino, se sentou em um tamborete de couro malhado, observava atentamente. Ele, como sempre, agoniado, não prestava atenção em nada além dos cortes. Eram dois seres incomunicáveis, que apenas aparentavam ocupar o mesmo espaço, entre eles havia uma vida inteira. Um trovão puxou ele de suas preocupações e o



fez notar os olhinhos rápidos e curiosos, mas o fez perceber que já tivera aqueles olhos.

— Que que tá fazendo aqui, rapaz? Tem escola não?

— A professora tá doente — de novo isso — Papai, me ensina a cortar?

— O quê?

— Cortar, papai! O couro!

— Pra quê aprender uma coisa dessas?!

— Pra sê que nem você!

— Não, vai ser como papai não! Vem cá — o menino puxou o banco pra mais perto — Vai ser melhor, home! Não tem os livros aí? — o filho assentiu — Pois então! Vá estudar, vá!

O bichinho foi, estudava muito. Ele trabalhava sem parar, quando o filho se aproximava ele o mandava ir estudar ou fazer qualquer coisa, couro não. Tinha medo de que a vida lhe fosse sofrida, não tinha coragem de arriscar. A criança até tentou aprender sozinha, fez coisa tosca, desistiu.

A vida continuou, o menino foi para a capital estudar, morar fora. O pai ficou trabalhando, cortando, costurando. Então veio a fachada. Era uma coisa linda: “Couros São José”. Foi pintada por um amigo, uma cor bonita de verde vivo, o cheiro da tinta fresca que invadiu o ambiente. Ele aproveitou e mandou me ajeitarem, me pintarem, fiquei quase como novo. Quando estava pronto ele fez um espaço, colocou um vidro e me pôs dentro, na parede da frente.



O tempo corria e ele envelhecia, mas sempre probo e diligente. Mandava dinheiro para Fortaleza, por anos e anos. Até que um dia chegou um moço bonito, tinha um rosto que eu não via há anos. Era o filho, formado, crescido, doutor advogado. Ele chorou, chorou calado. Era um sonho. Sonho longo. O menino ficou pouco, voltou para a capital, achou uma Iracema para ele e se casou. Teve um neto.

O neto lembrava o filho, vinha pouco, junto dos pais. Olhava o trabalho dele e ele ficava babando o menino, adorava o bichinho. Se divertia mostrando o couro, as sandálias, casacos, tudo. Tentou ensinar o neto, mas de tão pequeno, o coitadinho só olhava. Fez umas chinelas de couro trançado pequenininhas de presente.

Até que veio o dia fatídico. O filho longe com o neto. A mulher na feira, ele na oficina. Estava fechada, ele estava terminando uma cadeira. Bateu um vento, a portinha de vidro abriu e eu cai. O menino Jesus no meu colo quebrou. Ele correu, me colocou em um armário nos fundos, foi buscar cola. Enfartou.

— A morte é como um ciclo. A vida está presente, Deus dá. Mas a alma um dia vai, quando Ele chama. A vida não acaba, muda. O corpo fica, alimenta a terra, se transforma em plantas e uma hora servirá novamente a um igual — o padre falava essas palavras debaixo de uma árvore onde o corpo dele era enterrado — Esse pé irá se servir da vida remanescente nos restos mortais



de nosso amigo e sua força irá ser perpetuada na sombra que acalantar os jovens nos dias quentes e seus frutos alimentarão as novas gerações por anos e anos! Que Deus o abençoe em sua nova vida e que mostre nesse verde a resiliência de quem não teve medo ou fraqueza! Amém!

Os espectadores assentiram as palavras de consolo com outro “amém”. Eu estava perdido no meio das estantes velhas, mas um buraco na madeira me deixava ver a cena. O buraco não fora consertado, o motivo estava ali. Vestia um terno preto elegante, ao lado, dois vestidos pretos enroscados em um abraço. Aos pés do titã, um anjo. Ele correu até a árvore e a abraçou. Um abalo sísmico desestruturou o monumento erguido sobre aquele túmulo. Quantos túmulos não sustentavam aqueles sapatos de couro? Couro de longe, igual a milhares de outros — sem alma.

A loja iria ser vendida, todas as peças foram colocadas em promoção, seriam vendidas em uma semana, o resto seria doado.

— Pra quê continuar? Nem se quisesse. Eu não sei fazer nada em couro! E se soubesse, não daria o que ganho como advogado.

— E o prédio vai ficar assim? Seu pai lutou tanto para construir tudo, seu avô deixou a arte, o resto foi ele sozinho!

— Nós não devemos pensar numa coisa pelo que ela foi! A senhora vai vim comigo, nós vamos vender o resto e o prédio fica, até nós acharmos um comprador bom. Pensa que pelo



menos você vai ficar perto do seu neto! Vamos, mãe! — a mulher foi com eles dali a uns dias, chorando por dentro.

Na partida tudo já fora vendido, o prédio foi trancado com um cadeado pela derradeira vez. O menino brincava quando a mãe chamou — Paizinho, vem! — e ele sai em disparada e, chegando no carro, a avó pegou e pôs o menino no colo, ele balançava os pezinhos dizendo:

— Olha as sandálias do vovô! — Essa foi a última vez que eu ouvi a voz dele.

Os dias passaram, já faz anos e esse prédio permanece parado. A natureza o reivindica quase que diariamente, a engenharia humana não resiste muito lutando contra si mesma. O portão enferrujado talvez não abra mais, a luz penetra descascando o couro que sobrou. A madeira se tornou o lar dos cupins, eles são os verdadeiros donos desse lugar. Os outros santos foram levados, somente eu fui esquecido. Às vezes ainda passam pessoas na frente, ouço tudo: passos, carros, crianças; mas o som dos morcegos é o verdadeiro soberano.

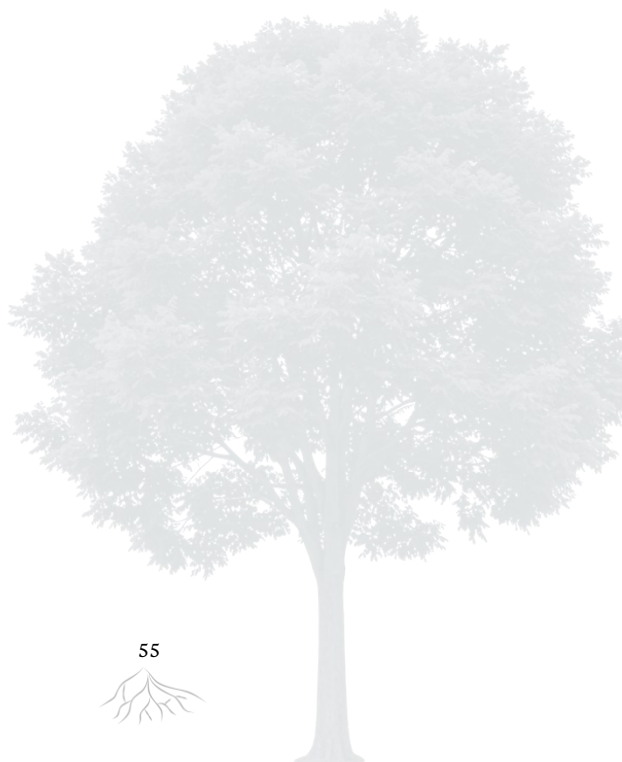
O tamborete estava no meio dos destroços, o couro rasgado, sem ninguém mais para se sentar. A máquina velha enferrujava com a água da chuva, já brilhara sob o sol, as moças se admiravam com os desenhos que enfeitaram seus pés macios, agora encarquilhados. A fachada escurecida não portava mais nome algum, a chuva lavou a tinta, só havia sombras do verde, nada das mãos que pintaram, talvez também não existissem



mais. A planta no quintal continuava, os vizinhos cuidavam dela. Nunca mais recebera um abraço.

Não há mais nada, mas ele faria tudo de novo, pois havia um filho, longe, além do que ele conseguiu ir, alguém do que irá seu neto. As tábuas estão podres, não aguentam mais, vão cair. Eu irei me espatifar, não restará muito. Juntarei meus cacos aos destroços de um sonho, que, de tão comprido, o fim não reconhece seu início.

Que Deus vos abençoe! Amém!



FRUTA-PÃO

Massanori Takaki

———— “ ————

Todos os frutos alimentam o corpo;
alguns a memória.

Em dezembro de 1974 estava cursando o terceiro ano da graduação em Ciências Biológicas na UNICAMP, Universidade Estadual de Campinas, e fiquei sabendo que as inscrições para o Projeto Rondon estavam abertas. Prontamente me inscrevi e fui selecionado para passar um período no Campus Avançado de Cruzeiro do Sul, no Acre. A euforia foi grande e tomei as vacinas obrigatórias para ir à Região Norte do Brasil. A viagem de avião levaria três dias para chegar ao Campus com pernoites em Campo Grande e Porto Velho.

Chegando em Cruzeiro do Sul, realizamos inúmeras atividades de campo e viagens de batelão pelo Rio Juruá, e uma árvore na margem do rio me chamou a atenção. As folhas enormes lembravam as do imbé, mas com as frondes rasgadas e de um verde escuro e lustroso. Perguntei ao barqueiro o nome da planta e ele me disse: — É fruta-pão e é muito bom de comer. A gente come ela cozinhada. — Mas não cheguei a experimentar a fruta-pão no Acre. Depois vi que era comum encontrar a planta no entorno e na própria cidade com as frutas ovaladas verde claro, do tamanho de um melão, nas pontas de alguns galhos.

Em 1981 fui para Recife e morei lá durante três anos. Fui para trabalhar na Universidade Federal de Pernambuco, mas não deu certo e acabei virando bolsista. Tinha acabado de voltar da Inglaterra, onde fiz parte do doutorado sanduíche.



Realizei a pós-graduação na Escola Paulista de Medicina, atual UNIFESP, Universidade Federal de São Paulo.

No Recife tinha muitos pés de fruta-pão, nos quintais das casas ou em terrenos abandonados, para a minha alegre surpresa. Finalmente iria experimentar a fruta. A fruta-pão é da mesma família da jaqueira, chamada Moraceae. Refletindo sobre os dois frutos, eles são parecidos mesmo, mas com várias diferenças, naturalmente. A fruta-pão é originária do Sudeste Asiático e a jaqueira, da Índia, e hoje é considerada naturalizada no Brasil. Incrivelmente, conversando com um colega malaio, que realizava o mestrado em Biologia de Plantas na Universidade de Newcastle upon Tyne, Inglaterra, ele me disse que na Malásia comem fruta-pão, cujo nome soava como “frutapan”, devido à influência dos portugueses que no século XVI estiveram por lá. Assim, algumas palavras em português foram introduzidas no idioma malaio. Era de se esperar que os malaios consumissem a fruta-pão, afinal a planta é originária daquela região da Ásia. Seguramente os portugueses trouxeram a fruta-pão para o Brasil Colônia. A fruta-pão do Nordeste não dava sementes, e como na banana, tinha alguns pontinhos pretos que são os óvulos que não foram fecundados.

A forma mais comum de consumir a fruta-pão é no café da manhã. Pedacos da fruta são cozidos na água com sal até ficarem macios. Coloca-se manteiga sobre as fatias quentes, e enquanto a manteiga derrete e escorre, come-se com gosto, no lugar do pão de trigo, típico do café da manhã na Região



Sudeste do Brasil. A textura lembra um pouco a de inhame, ou de batata-doce, mas típica da fruta-pão mesmo. Na verdade, o inhame é consumido também cozido e com manteiga, no café da manhã, no Recife.

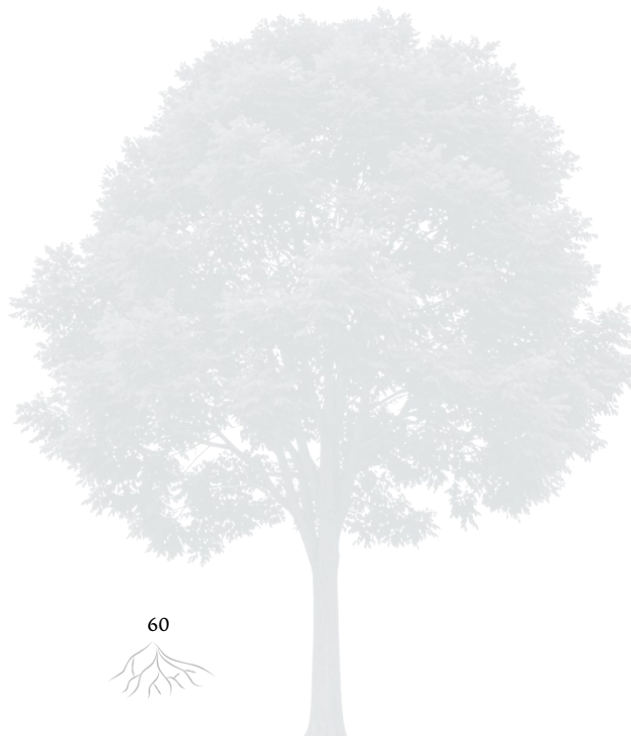
A multiplicação da árvore de fruta-pão é feita retirando-se os brotos que se formam nas raízes. O broto com raízes é retirado e feitas as mudas, que plantadas em locais adequados, têm um crescimento vigoroso. Existem variedades que formam sementes, mas as que tinham no Recife não formavam e a sua reprodução era sempre feita por brotamento de raiz ou estacas. É possível que depois de mais de quarenta anos, alguma variedade que produza sementes tenha sido introduzida por lá.

Acabei inventando uma receita que era apreciada pelos colegas da universidade. Fatiava a fruta-pão em formato de palitos, como a batata inglesa, fritava e depois passava em açúcar caramelizado. Ficava uma delícia. A cobrança dos colegas era constante para eu levar a famosa fruta-pão doce.

Comprava fruta-pão em feiras livres, ou mesmo no Mercado São José, no Recife Antigo, mas raramente em supermercados. Era comum encontrar as frutas amontoadas no chão junto das jacas. Muitas vezes encontrávamos frutas colhidas verdes ou já muito passadas do ponto, que acabam ficando muito moles. A fruta-pão deve estar no ponto certo para ter o melhor sabor, isto é, quando recém colhida com o cabo amarelado.



Embora a árvore cresça na Região Sudeste, nunca encontrei a fruta-pão para comprar quando morei em São Paulo. Um ex-professor, já falecido, plantou uma muda de fruta-pão no Campus da UNICAMP. Numa ocasião fui visitá-lo, e ele me mostrou a árvore que já estava com mais de três metros de altura, embora na época não tinha frutificado ainda. Não sei se depois de mais de vinte anos, a árvore continua lá, depois da crescente expansão das construções de edifícios no Campus, mas acredito que não.



CONDOMÍNIO DUTRA II - ONDE O SOL ABRAÇA E O VENTO UNE

Marcos E. Cintra

—— “ ——

Comunidade é o nome que damos às raízes
quando elas se encontram

Essa história aconteceu no Condomínio Dutra II, com suas duas torres gêmeas que desafiam o sol da floresta branca — a nossa caatinga — com seus azulejos que refletem branco, preto e vermelho, como se estivessem em guerra com o calor.

As sacadas e janelas dos apartamentos canalizam o vento que alivia o calor. Todos os quatro apartamentos de cada andar dividem um hall com acesso ao elevador e às escadas de emergência.

Meus três vizinhos são nordestinos típicos, mas naquele nível eu nunca tinha visto.

Dona Mundinha do I03 é patrimônio do prédio. Mora com o marido, Pedrinho, e um neto que vive viçando — ou seja, só pensa naquilo!

Peterson, do I02, é único. Anão, dançarino profissional, estrela de propagandas de TV e rival declarado de Dona Irene — a musa dos comerciais de sabão em pó.

Antônio e a esposa, Carol, do I04, são o casal mais "ausente" do andar. Trabalham demais! Ele é advogado; ela, gerente de vendas de uma concessionária. Difícil encontrá-los em casa.

Já eu, paulista de Campinas, ocupo o apartamento I01 com minha Cris, uma cachorra caramelo maravilhosa.

Cheguei ao prédio numa sexta-feira. Fui recebido por Mundinha, que me perguntou coisas sobre minha geladeira,



quanto paguei por ela, quis saber onde eu trabalhava e detalhes mais pessoais que respondi com distrações.

Não encontrei mais ninguém nesse dia. No domingo, eu estava exausto e só desci para levar minha filha para fazer suas necessidades numa área de gramado feita para eles, nossos pets. Assim, nem Mundinha encontrei.

Na segunda, por volta das 7 da manhã, fui levar Cris para seu passeio e, quando abro a porta, percebo que os outros três apartamentos estão abertos. Peterson vai do seu apartamento para o de Mundinha com uma garrafa de café, volta ao seu apartamento e traz adoçante. Os moradores passeavam entre apartamentos como se fossem todos da mesma família. De repente, Mundinha me convida para tomar café com ela e Carol, lá do fundo, grita com sotaque forte e sorriso na voz: — *Chegue, paulista!* Tá faltando só você!

Todas as manhãs, de segunda a sexta-feira, eles tomavam café juntos.

Fiquei me perguntando se eles realmente eram todos parentes e por isso visitam uns aos outros com tanta naturalidade. Pensei que talvez fosse o calor, para passar mais vento, porque as portas dos apartamentos permaneciam abertas praticamente o dia todo: porta fechada, morador não se encontra! rs.

— Não! — Mundinha me explicou. — Somos uma família de coração! Cuidamos uns dos outros. Isso é da natureza do nordestino! A vida é muito melhor se compartilhada!



Eu, porém, típico paulista, mantinha minha porta sempre fechada. Cris é uma cachorra muito educada — mas uma porta aberta, com o cheiro da comida de Mundinha no ar, é tentação demais até para uma freira. Imagine para uma caramelo gulosa!

Aprendi muito com essa gente de portas abertas e corações idem. Hoje, entendo: o calor de Mossoró não vem apenas do sol — vem, principalmente, do povo.



POR ONDE ANDA SOPHIA?

Vitória Araújo

———— “ ————

Certas pessoas partem da paisagem,
mas permanecem na lembrança.

Há um pequeno mundo do qual eu nasci tendo acesso desde criança, este é o circuito de alguns povoados de uma cidadezinha no interior do estado da Bahia. Pois é de onde vem minhas raízes.

Em uma das minhas idas, sendo mais específica: a ida do verão de 2017; conheci uma criança vizinha de uma tia, Sophia.

Baixinha e de ossos marcados na pele, Sophia me acompanhava em tudo que eu fazia durante meus poucos dias hospedada na casa ao lado da dela. Se eu ia visitar alguém, explorar, conversar, ela ia junto. Ao se levantar, ir me esperar acordar era a atividade que se seguia após escovar os dentes. Eu explicava que não acordava cedo por natureza como ela, mas ela não se importava em esperar, ali, sentada, assistindo a bagunça de um mundo tão distante dela, no jornal que pulsava na sala. E então tomávamos café da manhã juntas, saíamos para ver as bordas do mundo (ali sim eu me sentia dentro do planeta terra), voltávamos para o almoço. Saíamos, colhíamos e comíamos seriguelas até o sol se pôr, daí nos separávamos para o banho no fim da tarde. Durante o início da noite pegávamos nossas lanternas e íamos povoado adentro até a casa de alguém, a varanda de alguém, conversar mais um pouco. Poucas famílias, uma trilha em cada caminho para chegar a qualquer lugar, mas muito, muito assunto.

Sophia me lembrava a atriz Rose Williams pois cá em casa eu estava assistindo uma série de drama histórico onde ela interpreta uma antiga princesa francesa, e Sophia tinha traços



parecidos com os dela. Eu nunca cheguei a dizer isso para Sophia pois tive receio de ela interpretar como uma competição, já que ela – tão cheia dos pontos de vistas de outros, dizia que tentava incessantemente ter a raiz do cabelo ‘lisinha como a minha’. Eu, embora na época alisasse minhas pontas para ficarem lisas como a raiz, sabia que não era um caminho saudável.

Na despedida de 2017, chorei na van que me levava embora daquele povoado. Eu sabia que veria todas aquelas pessoas nos anos seguintes como já havia visto nos anos anteriores, mas temia que quando voltasse Sophia não estivesse mais lá pois ela era neta morando com avó, temporária e instavelmente. Chorei de uma saudade que não passava de um realismo duro: a vida sendo móvel e ondulante como sempre foi. Chorei por um desejo de eternidade que há humanamente cravado por tudo que é confortável.

Quando retornei, dois verões após, foi a última vez que a vi. Ela sentiu uma estranheza quando me viu, um certo medo de se aproximar, mas bastou perceber que eu ainda era eu para que ela pudesse dizer “Vitória está diferente, melhor, mais bonita” Sei que meninas, quando crianças, tendem admirar adolescentes pois já fui uma menina, além disso, quando fui uma menina, desejei ter uma irmã mais nova. Sophia foi além de ser minha amiga, Sophia me mostrou o que seria ter essa irmã por alguns dias em dois verões. Quando voltei a cidadezinha da qual pertence o povoado, no verão de 2019, não chorei na van. Já



tinha dezesseis e não mais quatorze, um coração com a pele um pouco mais firme e de batidas mais certas. Na feira, comprei uma boneca para Sophia, uma imitação de Barbie que ali vendia e enviei por alguém.

Há alguns anos, me disseram que ela havia se mudado e que estava namorando com um adulto bem mais velho, como é, infelizmente, o destino de meninas como ela – que nunca encontraram alguém para lhes dizer que elas poderiam interpretar uma princesa. Eu queria poder comprar uma Barbie de verdade e enviar para Sophia, lembrá-la de tempos simples como foram aqueles dias. No entanto, estou certa de que Sophia se lembra vagamente de mim. E eu não tenho seu endereço ou conheço alguém que possa enviar. A Barbie também não teria mais utilidade.

É curioso como quando crescemos saudamos tempos de inocência e quando crianças brincamos com o que seremos o resto da vida, essa é a experiência feminina. Nós agora, eu e Sophia, somos as bonecas mexendo nossas próprias pernas, narrando nossas próprias palavras em um mundo que pulsa dessa vez não só na sala.



ESTEVE AQUI

Aarão Barreto

———— “ ————

Toda vida deixa marcas;
algumas sobrevivem ao próprio tempo.

Passei tantos anos fora de minha cidade natal, que ao retornar, não passava de um estrangeiro. Foram-se quarenta anos trabalhando, construindo um patrimônio e família. Sempre surgiram impedimentos ao meu retorno. Quando não minha casa, era minha empresa, indo dia após dia, ou então quando me cansava ao ponto de não querer lá estar e viajava para o mais distante que o dinheiro me levasse.

Vi o mundo. Os cinco continentes logo encheram o passaporte, as fotos povoavam meu escritório e suas paredes. Havia um número tal que muitas vezes eu me confundia se estava olhando para a primeira, segunda, terceira ou quarta viagem. Posso seguramente dizer que Paris na primavera não é novidade

Agora, caminhando pelo meu velho interior, sentindo o sol abrasivo que não mudou, de árvores que teimam em crescer com o solo árido, esqueço a milhagem. Passos lentos me levam a esmo por ruas das quais lembro apenas os nomes antigos, que foram trocados ao longo dos anos. Surpreendo-me ao ver um nome familiar, na verdade, estava exatamente com o mesmo nome de décadas atrás: Rua Prefeito Coronel Aderbal Frontoso.

Nunca me interessei por política e não sei o que este homem fez ou deixou de fazer. Talvez sua única herança para a posteridade seja ter ganho uma eleição para em algum momento após sua morte antigos aliados acharem por bem dar o seu nome à rua. Para mim, a única importância que este ilustre e obscuro personagem histórico é que na bendita rua que foi consagrada à



sua memória e esquecida e talvez inútil administração, estava minha antiga escola.

Postei-me em frente à entrada principal e encarei o velho prédio, que já devia ser velho nos tempos de juventude de meu avô. Penso que nunca deve ter passado por qualquer reforma, pois tal qual uma fotografia que guardo de recordação, ele permaneceu imaculado. Os mesmos muros altos, a calçada de pedra branca, a escadaria da entrada, os portões de madeira. Aproximo-me de um destes portões e confirmo minhas suspeitas: estava ali uma marca que eu mesmo talhei com um canivete cinquenta anos atrás.

Aquele pequeno, calculado e ultrajante gesto de meio século atrás trouxe um sorriso que não tenho há tempos. Passei os dedos por sobre o desenho representando quatro letras: HPEA. As duas primeiras são minhas iniciais, as outras não lembrei o significado. Nunca fui grande romântico, então descartei na hora que EA fosse uma garota por quem me enamorara. Tive amigos, porém nunca fomos realmente um grupo. Não podia ser a eles a referência. Já correram tantos anos que nem lembro bem quem eram, e mesmo que lembrasse, onde estariam? Talvez apenas eu tivesse a resposta do enigma, mas a esta altura da vida, o que importava? Provavelmente nada...

Continuei meu passeio a pé e senti falta do chão de terra de outrora. Não sei quanto tempo levou, se duas horas ou vinte minutos, mas acabei por chegar a uma praça que achei pelo menos feia. Nenhum brinquedo, uns bancos de pedra, árvores e



algumas cactáceas, uma fileira de oito postes altos, uma pista oval ampla, circundada de outra para ciclistas. Mal sabiam os jovens ali pedalando a história daquela praça sem graça.

Antes era um terreno com muito mais árvores e lá brincávamos quando crianças. Já mais velhos, na fase de ebulição incontrolável de desejos, cada lugar coberto por uma sombra de árvore era um portal para o “Paraíso Perdido”. Tanto era assim que havia uma agenda secreta entre nós moços, para evitar superlotação do lugar.

Esta agenda existia basicamente na memória de um de nós, cujo nome mal recordo. Cada um contava que estaria passando pelo lugar algum dia, a uma determinada hora da noite, e esta pessoa consultava sua anotação mental e aconselhava se era o melhor horário para ir ou não. Difícil mesmo não era evitar a lotação dali, mas arrumar desculpa perfeita para se ausentar por algumas horas.

Os que moravam mais distante, avisavam aos pais que iriam comprar pão numa pequena padaria lá perto. Os pais mais espertos, ou cancelavam logo a empreitada ou até mesmo incentivavam, para além do pão comprarem manteiga, queijo, macaxeira ou outra mercadoria. Os mais ingênuos, ou aqueles que tinham grandes atores como filhos, no máximo se questionavam que pão tão bom era aquele que valia um par de horas a caminhar, após o comércio fechar as portas.

Havia uma regra suprema: não importa com quem se encontre, só não faça disso notícia. Era uma sábia lei. No dia que



foi quebrada, o resultado foi dos mais marcantes, pois ambos eram inocentes.

Primeiro era verdade absoluta que o rapaz fora comprar pão. Em segundo lugar, a moça voltava sozinha da missa e resolveu que, como ainda era cedo, poderia cortar caminho pelo terreno com as árvores e chegar mais rápido em casa. Deu que se encontraram ali, bem em frente ao terreno, e como eram conhecidos e ali era um pouco escuro, ele a acompanhou de um lado ao outro. E em terceiro lugar, nenhum dos dois sabiam da função secreta que aquele lugar tinha, exatamente por aquelas horas da noite.

Tão azarados eram, que foram vistos saindo juntos dali e a boca pequena correu logo, e antes mesmo que chegassem em casa, seus pais já sabiam de tudo. Ao serem perguntados se estiveram na companhia um do outro naquele pecaminoso lugar, ambos naturalmente disseram que sim. E pelo que me lembro, semanas depois houve um belo casamento, com o pequeno detalhe que o padre teve que aceitar o pai da noiva e cinco de seus tios empunhando armas em plena igreja. Outra vez, ri.

Caminhei por aquela praça, tomando cuidado para não colidir com ninguém em suas corridas monótonas. Após duas voltas, em que nada demais vi, sentei-me num dos bancos de pedra, mais precisamente no único que tinha o privilégio da sombra magra de uma árvore.



Aquela mesma, devia ser uma das sobreviventes daqueles tempos. Testemunha viva de minhas lembranças, e de tantos outros, e se ela pudesse falar, quantas dinastias não teriam sido desfeitas? Curioso, fui até ela, procurando algo que comprovasse sua idade. E lá estava! Talvez tenha sido com o mesmo canivete, não sei mais, mas com certeza ali estava alguém que poderia lembrar de mim. HPEA.

Meu nome. Minhas iniciais. E o maldito EA que não fazia sentido. E mesmo estando ali, naquele mesmo lugar há tantas décadas, testemunhas de tantos amores e paixões, marcada por mim mesmo, este EA não era sobre uma garota. Nem nada de que eu me lembrasse. Novamente, fiquei perturbado com este buraco negro na memória.

Enquanto quebrava a cabeça tentando lembrar, um e outro paravam para observar-me em frente à árvore. Deviam pensar que eu estava louco, caduco ou perdido, talvez os três, mas não houve quem viesse testar sua suposição. Não houve quem perguntasse a mim se precisava de ajuda. Olhavam, riam, voltavam à correria e caminhada.

Em casa, fomos criados segundo um mandamento que meu velho avô sempre repetia: obedecer, respeitar e ajudar os mais velhos. Se isso fosse violado, que Deus e todos os Seus anjos nos defendessem da bengala do velho. E isso não valia pelo ambiente do lar somente, valia principalmente além desta fronteira.



Uma vez o meu avô saiu comigo para fazer compras. Encontramos no meio do caminho um vizinho nosso, cuja principal característica era estranhar o gosto da água ou de um suco de tanto que tomava pinga. Estar bêbado era seu modus operandi e não me recordo de uma só ocasião em que o cheiro de álcool não o precedesse em metros.

Tão ébrio estava, que não sabia onde morava. Mal conseguia tentar se levantar ou deixar os olhos abertos. Cercava-o um grupo de garotos fazendo troça, jogando água, chutando-o, rindo de sua desgraça. Um atreveu-se a lhe jogar terra nos olhos.

Meu avô pegou sua bengala e desceu sua fúria em cima daqueles moleques, que fugiram como moscas. Feliz foi de ter acertado dois, e se fosse mais jovem teria pegado todos e os deixados piores que nossos vizinho.

Ameaça debelada, pediu minha ajuda para erguer o pobre coitado e levá-lo até sua casa. Não reclamou do cheiro ruim, da lama, da urina, ou mesmo do peso que era demais para suas pernas. Deixamos aos cuidados da esposa e do filho, agora bastante aliviados por saber que apesar de tudo ele ainda vivia.

No caminho de volta, antes que eu dissesse qualquer pergunta, meu avô disse: “Pode ser amanhã eu, seu pai ou você naquela sarjeta, doente e jogado, sem saber chegar em casa”. Não sei que destino aquele bêbado tomou, mas fiquei marcado. Este homem foi muito mais importante para minha vida que outros que se acham o ponto de sustentação do mundo. Por



conta dele e de meu velho avô, decidi sempre ir em frente e deixar minha marca por onde passasse, para que todos soubessem um dia que estive por aqui e que tive algo a fazer.

Trabalhei muito por muitos anos para jamais chegar àquela condição. Tive uma vida de momentos plenos apesar de tanto trabalho, mas o tempo cobra a cada um um preço e de diversas formas.

Estou velho e de meses para cá, percebi que minha antes prodigiosa memória começou a faltar. Começa com um lápis, depois um número de telefone, uma reunião, depois uma pessoa, um ano ou dois ou dez ou vinte esquecidos. Não sei quanto tempo me resta antes de ficar desmemoriado como aquele ébrio anos atrás, jogado ao chão, sem valor nenhum.

Talvez seja exagero meu, mas quem com medo não magnifica seus problemas? Muito provavelmente terei amparo maior do que aquele homem, mas temo a solidão do homem que esquece sua história. As vozes calam com o passar dos anos. Os rostos viram borrões. Nomes e lugares se confundem e se perdem.

Tive que vir aqui e olhar mais uma vez esta cidade no interior. Dela não queria me esquecer e desejava saber quanto dela ainda existia de minhas recordações. Respiro mais aliviado. Olho para a inscrição na árvore mais uma vez: HPEA. Maldita memória não me deixa concluir o mistério. Ainda me incomoda isto, mas que importa?



Já está tarde e já é hora de voltar para casa. Mas seja como for, foi bom ter vindo e posso dizer a todos ainda tranquilamente: HP esteve aqui! Esteve aqui.... Esteve aqui... Esteve aqui...

GUERREIRA AYANA E O JARDIM DO ÉDEN

Debora Maria dos Santos e Sara Santos

———— “ ————

A imaginação é o primeiro território onde toda
criança aprender a florescer.

Ayana era uma menina linda, com pele escura, olhos grandes e curiosos, que brilhavam de alegria. Seus cabelos crespos, pretinhos como a noite, dançavam com o vento, parecendo nuvens de algodão.

Ela morava com a mãe e os irmãos mais novos, Jabari e Amara, numa casinha simples com um quintal encantado. Nesse quintal, havia árvores mágicas: um pé de manga doce, onde a mãe fazia sucos deliciosos; um jenipapeiro forte, que dava frutas que viravam doces cheios de ferro; uma jaqueira alta; um pé de tamarindo, que produzia uma gostosa compota; um abacateiro antigo, com frutos verdes e saborosos; e uma castanheira que fazia sombra boa para descansar. Eles amarravam uma rede na sombra das árvores para se balançar e aproveitar o vento fresquinho. Era lá que Ayana vivia suas aventuras favoritas.

Ayana era a irmã mais velha e ajudava a mamãe todos os dias.

Logo cedinho, ela varria a casa com muito capricho, cuidava de Jabari e Amara com carinho e ainda lavava as frutinhas do quintal para o lanche da família.

Depois, seguia com os irmãos para a escola, de mãos dadas, com o uniforme bem passado e os cadernos coloridos na mochila. Ela adorava aprender coisas novas, ouvir histórias e desenhar com seus colegas.

Quando voltavam da escola, a rotina continuava: Ayana guardava os materiais, ajudava a colocar a mesa, lavava as frutinhas do dia e organizava as tarefas com a mamãe.



Só depois de tudo feito, chegava o momento mais esperado...

Ela corria com os irmãos para o quintal encantado. Às vezes, seus amiguinhos da vizinhança também apareciam.

Um dia a Pró Nala a preferida de Ayana, deu uma aula sobre a África e falou sobre o jardim do Eden. Ayana, com seus olhos curiosos e brilhantes, ficou encantada ao descobrir o Jardim do Éden na África. Ela imaginou um lugar enorme, cheio de árvores gigantes que tocavam o céu, com folhas verdes e brilhantes. Lá, os animais viviam livres e felizes: leões com juba dourada, elefantes grandes e gentis, girafas com pescoços longos que alcançavam as folhas mais altas, e pássaros coloridos que cantavam músicas alegres.

No Jardim do Éden, havia rios de água cristalina que corriam suaves, refletindo o céu azul e as nuvens branquinhas. Flores de todas as cores — vermelhas, amarelas, roxas e laranjas — enfeitavam o chão, perfumando o ar com cheirinhos doces. As árvores tinham frutos deliciosos, como mangas, jacas, tamarindos e abacates, que caíam no chão e eram comidas de muitos animais.

Ayana imaginou que, naquele lugar mágico, tudo era vivo e cheio de energia, com a natureza poderosa protegendo todos os seres que lá viviam. Ela sonhava em visitar esse jardim um dia, para ver de perto toda essa beleza e alegria.

Desde então, toda vez que corria para o quintal com seus irmãos, ela dizia:



— Vamos brincar no Jardim do Éden!

E ali, sob as árvores, com o chão coberto de folhas secas e cheiro de terra molhada, Ayana imaginava um mundo mágico.

No quintal as crianças brincavam com coisas simples, mas muito divertidas. Ayana e seus irmãos brincavam de esconde-esconde um deles se escondia enquanto os outros procuravam, correndo pelo quintal e se escondendo atrás de árvores, arbustos ou até mesmo dentro de uma casinha de brinquedo. As vezes era de pular corda com uma corda longa, elas pulavam juntos, tentando fazer o maior número de pulos sem errar. Às vezes, uma ficava girando a corda enquanto as outras pulavam e quando cansavam de pular corda, desenhavam no chão com giz riscavam a amarelinha uma sequência de quadrados numerados e pulavam de um para o outro, tentando completar o percurso sem errar. Também gostava de brincar de pega-pega quando um corria atrás das outras para tentar pegar, e quem fosse pego se tornava o "pega".

E a cada dia a imaginação era mais rica com as suas brincadeiras até as bolinhas de gude eles jogavam, aquelas bolinhas de vidro no chão, tentando acertar as bolinhas dos irmãos e fazer as melhores jogadas.

E quando recebiam os seus amiguinhos gostavam de brincar de queimada o famoso BALEOU! Com uma bola, tentavam acertar os colegas para eliminá-los do jogo, sempre com muita diversão e risadas. Acabavam com as mãozinhas deixando-as vermelhinhas com o cabo de guerra com uma corda



forte, eles se dividiam em dois times e puxavam com força, tentando fazer o outro time passar de uma linha marcada no chão. Era pura diversão.

Quando chovia, eles Ayana e seus irmão ficavam dentro de casa e mesmo com a garoa caindo lá fora, as gotas caindo pelo telhado ele inventavam outras brincadeiras dentro de casa. No céu as nuvens viravam desenhos de animais da savana africana girafas compridas, elefantes com trombas enorme, macaquinho sapeca. A imaginação dessa galerinha não parava, tudo era motivo para diversão.

Mas um dia algo especial aconteceu...

Num dia ensolarado, com o céu limpinho e as nuvens em forma de bichinhos, Ayana e seus irmãos estavam no quintal brincando como sempre. Dessa vez, Ayana teve uma nova ideia:

— Vamos brincar de caça ao tesouro! Eu vou fazer o mapa!

Ela correu até dentro de casa, pegou papel e lápis de cor e desenhou um mapa simples, com o pé de tamarindo de um lado, a jaqueira do outro, uma seta apontando para uma pedra e um “X” bem no centro do quintal.

— O “X” marca o lugar do tesouro! — disse Ayana com os olhos brilhando.

Com pás, colheres e até as próprias mãos, eles começaram a cavar. E rindo alto.

E foi aí que sentiram a terra ficar úmida...

— Está diferente aqui! — gritou Jabari.



Mais alguns minutos cavando e... pluft! A terra cedeu e uma fonte de água cristalina brotou, subindo em jatos pequenos como uma dança.

— Achemos um tesouro de verdade! — disse amara, pulando de alegria.

Era uma água tão limpa e fresquinha, que eles encheram suas garrafinhas e correram para mostrar à mamãe. A mãe ficou emocionada:

— Filhos, essa água pode nos ajudar muito. Vamos cuidar bem dela!

No dia seguinte, a mamãe deles resolveu construir um poço e seguro ao redor da fonte, com pedras lisas e um balde com corda. Pintaram o poço com tintas naturais e desenhos feitos pelas crianças.

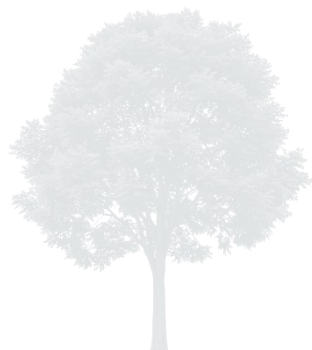
Agora, o poço servia para regar as plantas, lavar as mãos, e até para brincar de molhar os pés nos dias de calor.

Ayana, sorrindo, disse:

— A minha família é o meu tesouro mais precioso.

Naquela noite, deitada sob o céu cheio de estrelas, Ayana sussurrou para os irmãos:

— Amanhã... vamos descobrir qual será nossa próxima aventura.



DÉJÀ VU E O UMBUZEIRO FLORIDO

Elenice Vaz

———— “ ————

Há árvores que florescem também dentro de nós.

Há quem diga que o amor floresce em qualquer estação. Mas no verão da Bahia, ele chega vestido de flor de umbuzeiro e desejo. É a estação dos recomeços, dos olhares que germinam e das mãos que reaprendem a tocar devagar. Ali, tudo parece nascer com mais cor, mais calor, mais coragem.

Ellen desceu do avião em Porto Seguro como quem retorna não apenas a um lugar, mas a uma parte esquecida de si. O vento quente e úmido bagunçou seus cabelos e tocou sua pele com a maciez da lembrança. Chorou, silenciosamente. As lágrimas escorreram pela pele clara, há muito sem sol, e carregavam uma mistura de alegria, saudade e medo. Mas ninguém notou. Talvez porque o verão da Bahia permite esse tipo de emoção — íntima, intensa e livre.

Era mês de março. Anos antes, no mesmo mês, ela pisou pela primeira vez naquela cidade de céu largo e mar sem fim. Conheceu o caminho de Moisés. Na época, viera em busca de descanso. Agora, viera em busca de sentido. Aos 60 anos, após uma vida de trabalho, família criada e sonhos riscados no papel e realizados com esforço, sentia o peito vazio. A filha caçula havia saído de casa, o ex-marido foi embora, os gatos vinham e iam. A casa, grande e silenciosa, já não lhe pertencia no coração. Então comprou uma passagem só de ida.

Brincou consigo mesma ao sair:

— “*Não sei se volto pra casa.*”



Mas, no fundo, sabia que aquela viagem não era só turismo. Era recomeço.

Ao chegar à pousada que um dia ela imaginara construir, respirou fundo e reconheceu os cheiros, as cores, o céu. E sentiu, pela primeira vez em muito tempo, algo parecido com esperança.

Naquela tarde, caminhou até a praia onde tudo começou. O mesmo pedaço de areia, o mesmo mar inquieto, o mesmo umbuzeiro — agora florido. A árvore, carregada de flores pequenas e brancas, exalava um perfume adocicado e quente, como um segredo que a brisa espalhava sem pressa.

Ellen estendeu sua canga, passou protetor solar e deitou-se sob a sombra generosa da árvore. Pegou uma flor caída na areia e, sorrindo com ternura, levou-a aos cabelos.

Foi então que ouviu.

Uma voz.

Aquela voz.

— *Quer ajuda pra prender a flor nos cabelos, senhorita?*

Um arrepio percorreu sua espinha. Abriu os olhos devagar, com o coração batendo tão alto que podia jurar estar ouvindo-o fora do peito. E lá estava ele. Robinho. O mesmo sorriso, o mesmo bronzeado, os mesmos olhos que um dia tocaram os dela sem encostar. Estava ali, como se o tempo tivesse dobrado em silêncio, feito um laço.

Anos antes, ele surgiu de maneira inesperada — saído do nada, com uma voz atrevida e uma camisa do Corinthians



que a incomodou de imediato. Ela, flamenguista de coração, quase riu da ironia. Mas não foi o time que a pegou. Foi ele. O jeito leve, a conversa fácil, a presença intensa e suave. Um romance nasceu ali, sob o umbuzeiro, nas tardes de verão que pareciam não ter fim. Mas no verão, ela aprendeu, sempre acaba.

Ele voltou para São Paulo. Ela ficou. Mensagens vieram, promessas também. Robinho lhe escrevera uma vez, ainda nos primeiros meses de separação:

“Quero tanto poder estar contigo agora, sentir o calor do teu corpo, sentir o bater do teu coração junto ao meu... Quero tanto poder ver o teu sorriso malicioso quando olha pra mim... Quero tanto poder sentir os teus lábios tocarem os meus... Quero tanto te amar agora... Mas a distância me impede. Então, o que faço? Eu fecho os olhos e me transporto até ti. E vivo um momento único de amor.”

Ela releu aquelas palavras tantas vezes que as decorou. Mas os dias passaram, o silêncio cresceu, e o tempo, impiedoso, fez o que sabe fazer de melhor: apagou certezas e deixou dúvidas.

Agora ele estava ali. Em carne, osso e perfume.

— *Você ainda gosta da sombra do umbuzeiro?* — perguntou ele, com aquele sorriso torto de quem sabe que a resposta é sim.

Ellen não sabia o que dizer. O coração estava dividido entre o calor da presença e o frio das memórias. Parte dela queria fugir, parte queria ficar. Parte queria esquecer, parte queria recomeçar.



Ela não sabia mais como nomear o que sentia. Talvez fosse amor...

“Não dissemos que era amor, nem dissemos que não era... — pensou, enquanto deixava o olhar se perder entre as flores caídas.

“Ficamos no meio do caminho. Como dois pontos de interrogação esperando o ponto final. Ou uma vírgula que nos permitisse continuar.”

Sentaram-se ali. Não falaram muito. O silêncio fez morada entre eles como um velho conhecido. Ela notou que ele também carregava marcas do tempo: rugas mais fundas, um olhar mais cansado. Mas havia algo intacto ali — talvez o sentimento, talvez só a lembrança.

Talvez o amor nunca tivesse acabado. Talvez só tivesse adormecido.

Naquela tarde, as flores do umbuzeiro caíam suavemente ao redor deles, como se abençoasse o reencontro. Nenhum deles soube dizer se aquilo era um recomeço ou apenas um eco do passado.

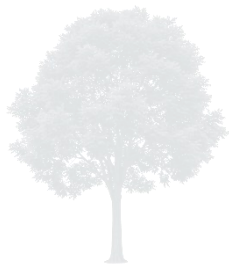
Mas naquele verão, sob aquela árvore, Ellen teve certeza de uma coisa:

Alguns amores são como umbuzeiros.

Demoram a florescer.

Mas quando florescem... ah, quando florescem...

Perfumam até o tempo.



ARDÊNCIA E PAIXÃO NO MAR DO SERTÃO

Robério Pereira Barreto

———— “ ————

O sertão também conhece marés;
algumas acontecem no coração.

Dizem que o amor das mulheres do sertão é seco como a terra rachada, mas isso é conversa de quem nunca sentiu o calor de um beijo à sombra e ao cheiro da flor de um mandacaru. Quem já pisou naquele chão quente de sol e coragem sabe: o que falta de chuva, sobra de alma, força, amor e desejo às mulheres.

E é com alma e olhar de sertanejo que vou contar a história de Zefa da Pimenta, filha de dona Mariinha, neta de Maria Valentona, bisneta de Maria Valente (sem o “ona” só porque a mãe da Maria Valentona achou que rima era pecado). Ah, meus queridos. Zefa era daquelas sertanejas que faziam poeira levantar quando passava, não por andar rápido, mas porque o chão reconhecia quem era mulher de verdade.

Nascida entre o apito da chaleira e o cheiro do coentro fresco, Zefa aprendeu cedo que amor não é só flor — é também espinho, tempero e sustância. Na sua casa não tinha essa de mulher esconder vontades e ficar esperando o amor chegar montado num cavalo branco. Oxente! Se quisesse, ia buscar de a pé com chinelo de dedo mesmo, ou montada na coragem e no desejo de ser... e já descia com a mão na cintura e o olhar certo.

Mais aí é que está a questão, amigos. Zefa tinha um dote especial: onde punha a mão, saía sabor. Pimenta-de-cheiro, malagueta, dedo-de-moça... ela conhecia cada uma como quem sabe o nome dos amores antigos. E assim ficou conhecida na vila de Caldeirão de Pedra: a Zefa da Pimenta, que curava coração com receita e esquecia ex com receita nova.



Porém, Zefa era “fogo, paixão e tinha os segredos do tempo do amor” e queria mais. Dizem que todo sertanejo tem o mar escondido nos olhos. Por muitas vezes e razões a maré enche e vaza pelas pálpebras. Com Zefa não era diferente, pois sonhava com ele: o mar. Queria ver se era verdade aquela história de que as ondas sabiam cantar e que a água salgada também curava tristeza. E foi com um dinheiro juntado de feira em feira, vendendo com tempero e palavras boas a paixão em forma de sabor que Zefa foi parar em Porto dos Amores, cidade costeira da Bahia, onde o povo achava que mulher sertaneja só sabia sofrer, carregando equilibrando pote de água na cabeça e plantar roça de mandioca.

Mal chegaram na cidade, correu para ver o mar. Assim que pôs seus pés na areia encontrou seu lugar e o povo sentiu: Zefa trazia o sertão nos gestos, no sentir, no falar. Zefa era o sertão em qualquer lugar. Dizia ela: saiba você daqui ou de acolá: o sertão é o meu mundo, melhor lugar não há!

Já instalada no seu novo lugar. No primeiro dia, abriu uma barraquinha chamada “Temperos de Lá e de Cá”. No tabuleiro, misturava camarão seco com pimenta do reino do sertão, fazia moqueca com farinha de milho, e ensinava que dendê também combinava com rapadura — era só saber dosar.

Numa dessas noites de barraca montada e forró tocando baixo no rádio, apareceu ele: Tonho do Mar, pescador de peito e mãos largas e coração apertado, que dizia que amor era coisa que afogava.



Zefa ouviu e deu risada:

— Afoga é quem não sabe nadar, homem. Amor é correnteza mansa se a gente respeita.

Tonho não resistiu. E Zefa também não.

Começaram devagar, como receita que se testa antes de servir. Ela trazia o calor, ele o frescor. E foi assim que aprenderam: o amor não era igual em todo canto, mas era feito do mesmo sal — o que a gente chora e o que dá gosto na vida.

Nem tudo são flores. Há sempre um mexerico daqui um ciúme de lá. O povo da cidadezinha não gostava muito da liberdade de Zefa. Achavam que a mulher falante era perigosa. Que mulher que não espera, assusta. Que mulher que ama do jeito que quer, sem pedir bênção, era vento forte demais e para virar tempestade era fácil. Zefa ouviu tudo calada.

Feliz nos temperos e no amor nem se importou. No dia seguinte, colocou uma placa na frente da barraquinha: "Aqui se tempera comida e amor. E ambos são servidos ao gosto das mulheres." Pronto! Alvorço e prosa para todos os lados. A frase virou conversa. Conversa virou assunto nos botecos, nas reuniões das igrejas – católica e protestante – e depois virou manchete no jornal local. Daí já viu né? Zefa ficou famosa e a manchete virou convite para um festival gastronômico.

Zefa foi, levou Tonho, levou sua coragem. Voltaram com troféu e aplauso. Hoje, Zefa vive entre o sertão e o mar. Diz que a terra seca e a brisa salgada aprenderam a conversar dentro dela. Continua amando Tonho, mas no seu tempo, no seu jeito.



E Tonho aprendeu a nadar — não só no mar, mas nos afetos dela.

Quando alguém pergunta de onde vem tanta força, Zefa responde com aquele sorriso que só as mulheres que carregam o mundo sabem dar:

— Vem do pó da estrada, da mão de minha mãe, do grito que minha avó soltava quando queria ser ouvida. Vem da pimenta que não arde por mal, mas pra lembrar que viver sem gosto não serve.

E o amor, pra ela, continua sendo prato quente. Às vezes arde, é verdade, mas sempre vale repetir.



A JANELA

Ivo Lima



Quem observa o mundo pela memória
 enxerga além do horizonte.

O lhava pelo vidro da janela, seu reflexo diáfano dava a ideia de que sua alma se misturava com a alma daquele ambiente, pois, embora inanimadas, havia mais vida naquelas paredes do que em muitas pessoas que respiravam e viviam sem ter noção da grandiosidade do ato mais banal que praticavam. Aquelas paredes também não sabiam do grande em si, talvez seja essa a maior tragédia na invida de um ser inanimado, a impossibilidade de consciência, por mínima que seja.

Decerto podem dizer e provar, pela teoria celular ou por qualquer outra coisa, que aqueles blocos de cimento pintado não viviam, talvez se possa concordar, realmente não viviam, mas afirmar que não havia nelas vida seria afirmar um absurdo, ao mesmo tempo que nega outro. Mas há na vida absurdos, o que se refletia na retina dos olhos dele não transmitia tudo, há absurdo, pois, há além dos olhos.

A vida estava nas cores que se denunciavam nas partes descascadas das paredes, já muitas mãos as pintaram, amarelava, rosava, azulava e esverdeava, sempre com cores que davam a ideia de que uma criança gigante roubara o giz de sua professora para pintar um desenho, antes dessas cores pálidas, era caiada, hoje é de uma alvura que mascara qualquer cor precedente, tintas industriais, mas ele lembra de quando riscou aquela parede e a fez amadurecer, nunca antes se gastara tanto por tão pouco, mas uma boa dona de casa sabia aproveitar uma boa oportunidade.



Havia ainda as imagens, as velhas imagens de cores saturadas, esquisitas e familiares, não extraordinárias nesse meio de absurdos. As imagens eram dos velhos e bons protetores, a imagem de São Miguel com cores ainda vivas, resilientes ao intempérico tempo, a imagem de Santa Teresinha, com um buquê nos braços, ele lhe devia a vida da irmã, ela nasceu durante o surto de cólera, não era muito boa a higiene na época, o nome herdou de quem a salvou: Maria Tereza.

Ele se chamava José Carlos, o Zeca, o nome não vinha de santo como a irmã, mas sua história também estava lá nas paredes, na imagem de Nossa Senhora. A imagem era de uma Da Medalha Milagrosa, com manto azul da cor do céu e branca como a neve, embora nunca quem a tenha observado já houvesse visto neve para afirmar isso. A cobra sob seus pés parecia serpentear por sobre o globo, com a língua escarlata a fremir. Maria, complacente, a segurava firmemente com os pés sem machucá-la. Foi presente advindo de uma viagem que outro personagem vivo nessas paredes fez.

Esse personagem era outro Zeca, tio-avô dele. Ele tinha sido criado com o avô dele, como filho, era mais irmão dos sobrinhos do que qualquer outra coisa. Era moço bom... Dos que são considerados bons por todos, era trabalhador e gostava de missa, não existia viagem que não resultasse em santo para ele. Com a santinha foi assim. Quando o pai dele, Marsilho, casou, o tio veio morar junto, não por intromissão, mas por insistência de um lado e falta de motivos de recusa do outro.



Mas não há canto que segure viajante, nem terra rachada, nem verde. Ele viajou para as bandas do Cariri, era começo do ano, época de chuvas. Uma pedra estava no topo da serra, vivendo a mesma vida desde que pulavam por aí os dinossaurinhos, enlouquecendo a vida de suas mães dinossauras – E não é que veio inventar a chuva de aporrinhá-la? A coitada! Para se livrar das gotas petulantes se jogou ao desterro, mas - há outro absurdo nas coincidências ou no que nomeamos como tal – desabou na hora em que passava nosso esquecido Zeca e o livrou do peso de sua carcaça, fora ver pessoalmente os ídolos.

Do acidente só restou a rocha no abismo das serras e a santa que por milagre de si mesma não foi destruída, foi transportada para a casa, talvez a primeira vez que uma santa é recebida com tantas lágrimas, parecia ela mesma derramar uma lágrima, pelo menos até hoje isso jura o velho Marsilho. O velho, depois do nojo, recebeu o nosso observador, virou xará, depois da morte do Zeca, nasceu Zeca.

E o que há na história do Zeca ainda para contar? Se vissem o sobressalto dado pelas sobancelhas dele ao distinguir no meio de tantas pessoas o velho pai, saberiam que a história de Zeca pouco a ver tem com seu nome, embora de todo não se afaste. No meio dos absurdos da sala, inflada de vida e invida, viviam seres, pequenos em comparação ao todo, certo, mas grandes em comparação à algo. Era o pai, a mãe, a irmã, o irmão – esse não teve seu parágrafo por ter a honra de primogênito, mas permito revelar que foi batizado de Miguel – os sobrinhos,



o cunhado. Ele também não andava sozinho, com ele vinha uma flor e seu broto. Mas, como não permanecerá o cearense judiando da pobre criança e de sua mulher sobre o sol escaldante, visitemos a sua história pregressa antes de avançarmos para as próximas cenas.

Zeca vivia com uma angústia, angústia de não ser o que não sabe o que, mas se sabe que quer ser. Há dessas dúvidas que se amansam em certos seios, no dele essa dúvida inflou como um balão e o carregou pelo vento, mas esse balão era um carro e não foi o vento, mas a estrada que o levou, não via mais seu ponto de partida, a chegada sabia que era no Sul, mas tão vasto era o Sul que essa informação era como nada, mesmo não sendo. Acabou em São Paulo sem saber como, era jovem, deixou tudo, até noiva, não sabia se gostava mesmo dela, tinha certeza que não queria magoar, mas era inevitável. A família caçou por ele, nada, desistiram depois de tantos fracassos, e ele lá, nas ruas da megalópole brasileira.

Conseguiu um trabalho de isso, de isto, de aquilo, mas não demonstravam nada eles, afinal conseguiu um numa empresa, era de algo que já tinha ouvido falar, energia solar, não sabia bem o que era. Depois foi seguindo e conseguiu juntar dinheiro, foi pra Liberdade. Lá, esse nosso aviador achou um pouso, no colo de uma moça, japonesa de família, brasileira de nascimento, Liz. Foi com ela que descobriu os sortilégios e as graças do amor, e foi com ele que ela descobriu os tormentos e as bênçãos da maternidade, outro José, Zé Marsilho.



Há mágica no mundo, ou pelos menos julga assim o cérebro humano tentando unir coincidências e fatos em uma tentativa de fomentar a sua vaidade e prepotência de centro do universo. Embora haja ou não, certo é que andava nosso Zeca pelo banheiro quando ouviu a seguinte conversa:

— Ceará, terra da luz! Agora será terra da energia solar!

— Qual o quê!

— Pois não estou te dizendo, meu! Vai ser inauguração lá praquelas bandas! Sol o ano todo! Melhor que aqui, não bate sol algum!

— Tá sem sabão?

— Tem que apertar mais. Pronto.

— Cheiroso! ...Vai abrir na capital?

— Fortaleza?

— É! Abre a torneira. Brigado!

— Não, outro canto lá, deixa eu ver se me lembro, era...

— Vai lá! Não era tu o bichão em memória!? O que não esquece nada!? Vamo rapaz!

— Oh! Já vai, poxa! Olha a água, tá derramando! Como é que era mesmo? ... Quixer... Quixa... Pô, nome complicado!

— Tu tá parecendo aquela loira do filme! ...Essa pia tá pingando!

— É isso aí! Isso mesmo!

— A goteira!?

— Não, o filme né! É lá no lugar desse filme!



— Pois é no fim do mundo!

— Judas deve estar trabalhando de placa lá.

Lembram vocês da tal coincidência? Pois Zeca naquele dia chegou mais cedo e pegou essa conversa. Se ele houvesse se atrasado será que nossa história existiria? Não se pode afirmar, e sendo ponto inconclusivo, vamos para outra pergunta mais útil: que fez Zeca com essa notícia? Bem, saiu da cabine do banheiro e começou a explorar um lado muito fácil de aflorar em qualquer ser humano, o de detetive – às vezes chamado de fofoqueiro.

— Ei! É sério isso de uma filial em Quixeramobim?

— Pô, minha palavra não tá valendo nada hoje, né? Tá mais desvalorizada que o real!

— Fala vai! Deixa de amolar! – disse o outro enxugando as mãos numa toalha.

— Vai abrir?

— Tão certo como que ele não lavou as mãos direito.

— Ô! Tá doido? Aqui ó! Limpinhas e cheirosas!

— Não falam serio não? Home!

— Olha, esse negócio é tão certo como que ele é um idiota! – disse saindo.

— Ei! Me dá essa toalha, que eu tenho que enxugar as mãos! E você fique certo que vai ter uma filial aí no...

— Quixeramobim!

— Quixeramobim. Essa toalha não enxuga nada, mais molha!



O homem jogou a toalha no balcão da pia e saiu atrás do outro, queria azucrinar mais um pouco.

Era a sua chance, pensou. Há tempos que fugira de casa, mas a consciência o atormentava. Como podia ser isso de sair de casa e fingir que nada existiu? Ele sentia isso, pois não tinha notícias, também não as procurava. Era como um criminoso que foge, mas não esquece o lugar de seu crime, seu crime fora abandonar quem amava... Por medo? Ele se sentia sufocado, queria fugir, queria uma coisa que não sabe nomear, se sentia um estrangeiro lá, mas... Quantos não sentem o mesmo e continuam? Não fogem, enfrentam, de cabeça erguida, todos que conhecia lá enfrentavam seus destinos. Enfrentaria o seu. Era um desterrado, por mais que perambulasse não encontraria um lar, não sem antes voltar, sem antes sentir a vida daquela terra. É mister, é seu destino, tinha certeza! Se era seu destino enfrentar seu passado, voltar dessa fuga, findar seu desterro, pois enfrentaria, como homem, talvez como pária, que assim fosse, mas iria de cabeça erguida.

De repente, quando nos enchemos de uma força, uma força de vontade, devemos fazer tudo, tudo que der na telha. Chama-se essa força ora de desejo, ora de loucura. Fosse o que fosse, era decerto sonho, pois tudo que nos alegra e nos anestesia de todo o sofrimento, nos faz esquecer as dores por algo maior, o que nos dá força para fazer algo; tudo isso responde pelo nome de sonho. Era o sonho dele, agora, voltar para casa. Voltar para tudo o que ele deixou para trás, tudo e todos, quase todos. Ele,



seja loucura ou não, foi imediatamente atrás de uma transferência para essa filial, não houve tempo para respirar, para pensar, foi uma força além que o levou até aquela sala e o fez abrir a boca, tal foi que nem sabia ele o que estava acontecendo depois de ter o pedido aceito. O que era afinal aquele “certo” mais do que uma flecha que perfurou a cortina de torpor que o embriagava.

Louco, decerto louco. Como fez isso? Não consultou a mulher, que faria a coitada pega de surpresa? E a criança pequena? Enfrentar uma viagem dessas! Será que podia ir de avião? Se não, como iriam? E a casa? Teria que mudar sua vida toda, e sua esposa também. Ela ficaria sem a família dela por causa dele. Era egoísta, enfim, se resumia a isso. Abandonou a família, a noiva, sempre pensando apenas em si, agora repetia o mesmo com a mulher, pobre coitada de uma pessoa fadada ao sofrer. Quem era mais fadado, ela ou ele? Ele que além de sofrer causava o sofrimento dos outros. Era novamente egoísta. Poderia aceitar o divórcio se ela quisesse, claro que poderia... Claro que não, quem é ele sem ela? Nada.

Tudo isso corria com a ferocidade de uma bravia correnteza que levava suas águas arrancando e atropelando tudo pela frente. Tinha sangue de rio bravo. Ele estava sentado em frente dela, o menor suspiro denunciava tudo, então ela se aproximou – compassiva como a santa. Ele disse tudo que já saltava de sua garganta e que debalde tentava segurar, já esperava a destruição. Ela levantou, pegou o bebê, voltou, osculou a



fronte do Zeca e ele viu um sorriso que jamais tinha visto igual. Partiriam na próxima semana.

Eles desceram do carro, ele se aproximou, olhando as ruas; lembrava de sua vida como se estivesse escrita em um livro. Se aproximou da janela. Voltamos ao início de nossa narrativa. Fechemos o hiato e iremos de vez à cena seguinte.

Ele adentrou em silêncio aquela sala, sentia o ar quente. Um constrangimento tomou-lhe por inteiro, queria fugir, não iria. Sentia-se como um condenado que se posiciona em frente a um pelotão de fuzilamento, estaria tudo findo, eles o xingariam, diriam maldições e imprecações, o escorraçariam, então, depois de tanto ódio, nada o obrigaria a vê-los face a face, por isso, desejava mais um olhar obtuso do que qualquer sorriso. Que o humilhassem, ele aguentaria uma última vez.

Mas, quando olhou para eles, pois até agora olhava para baixo, viu lágrimas que irrigavam um rosto encarquilhado que veio em sua direção, os braços o apertavam, não era Dona Nana, era mamãe. Eram todos, todos em júbilo. Por que júbilo por ele, um egoísta, sacripanta, sicário? Ele! Estava doente!? Por qual outro motivo um homem jovem estaria em uma cadeira aquela hora? Seriam os anos que chegavam? Lembrou que o tempo passa.

Se passou alguém naquela hora, não sei. Mas, se passou e teve a curiosidade de ver por entre o vidro daquela janela, veria



um rapaz ajoelhado, pedindo a bênção, o pai lhe cedia lépido a graça. Veria o milagre da cura sendo operado por acaso, veria uma festa em uma casinha simples, as paredes amareladas pelo sol poente, veria principalmente dois Marsilhos se encontrando, e rindo ambos da vida, pois não há quem diga que não sabe um bebê tanto quanto um velho sobre sentimentos.

Quantas coisas invisíveis não se vislumbram em uma casa pela janela de cantos lascados?



A VISAGEM DO OVO

Danilo Heitor

———— “ ————

Nem todo mistério deseja ser explicado.

Gerônima roçava a terra mais por teimosia. Tinha meses que não chovia, que não crescia nada. Vá lá que seu feijão tinha fama de duro na queda, mas sem água não há nem luta para perder.

Fazia porque era rotina, e sem rotina sobrava só a tristeza. Não dava; mãe de dois não tinha tempo para essas coisas. Então partia para a roça, e roçava, e jogava as sementes na terra junto com o que restava de esperança.

Naquele dia, o sol fervia mais que o normal, e o solo e a cuca sabiam bem disso. Aproximavam-se as doze horas, e com ele a pino não tinha quem conseguisse prosseguir. Gerônima se preparava para descansar a enxada quando viu brotar da terra um ovo.

Não um ovo de galinha, de pato ou de codorna. Um ovo enorme, do tamanho de uma casa, que pareceu surgir do chão sem produzir nele qualquer fenda. Pior: do ovo, escorria água, como se saltasse de dentro de um lago.

Gerônima não gritou: paralisou. Desconfiou ser visagem, e chamou o filho mais novo para ter certeza dos olhos.

— Antônio! Venha cá!

O rapazote reconheceu o tom de espanto e correu. Parou ao lado da mãe e igual desacreditou da própria vista.

— Diabéisso, mainha?

— E eu sei?!

Enquanto mãe e filho se espantavam, no ovo se abriu uma porta. De dentro, saltou um ser estranho, alto, vestindo



uma dessas roupas de mergulho de lugar com muita água, e caminhou em direção a Gerônima, agora certa de que era visagem.

Antônio tomou a frente da mãe, mas o mergulhador parou e apontou para ela. Parecia calmo, sem oferecer ameaça. A mulher tirou o filho da frente e encarou o bicho nos olhos.

— Quem é você? O que quer de mim?

O ser-visagem permaneceu calado. Tirou da bolsa presa às costas um envelope e o ofereceu à Gerônima.

Meio sem jeito, a roceira abriu o pacote. Dentro dele, duas folhas de papel com algo escrito, indecifrável para a sua leitura. Antônio tomou as folhas para si e também não entendeu nada. Gritou pelo irmão mais velho.

— Euclides! Corra aqui!

O primogênito de Gerônima, pessoa mais letrada da família, saiu de casa num pulo e tomou o mesmo susto dos outros dois ao ver a cena que se desenrolava. Antônio entregou-lhe as folhas de papel e deu um chacoalhão para trazer o irmão de volta do choque.

— Se arrume, homem! Esse bicho aí, tá vendo? Desceu desse... Dessa joça e entregou isso pra mãe. Tu sabe o que é? Consegue ler?

Euclides baixou os olhos para o papel e, ainda em choque, reconheceu a partitura.

— Eu sei o que é, é uma partitura. Mas não sei ler.

— Como não sabe?



— Não sei. Só músico pra saber.

Gerônima, até então de olhos fixos no mergulhador, interrompeu a discussão.

— Antônio! Se tem que ser músico, vá chamar o filho de Luiz, aquele sanfoneiro! Vá enquanto eu passo um café pro... forasteiro.

O caçula concordou com a cabeça e saiu em disparada, enquanto Euclides observava o mergulhador mais de perto e Gerônima colocava água para esquentar.

Mal apitou a chaleira e o aprendiz de sanfoneiro chegou junto a Antônio, o instrumento nas mãos, e um sorriso de descrença no rosto. Cumprimentou Gerônima na cozinha, aceitou a xícara de café dali a pouco e rumou para a roça no fundo da casa. Atravessou a porta e só não fez cair a sanfona mais do que o queixo.

Antônio precisou segurar o rapaz pelos braços.

— Eu sei, homem, todo mundo aqui teve a mesma reação. Mas foi assim: saiu esse... Ovo do chão, e de dentro dele o bichão aí, que entregou essas folhas aqui, ó, pra mainha. Euclides disse que é uma partitura.

O sanfoneiro pegou o papel com as mãos trêmulas que só, e precisou de uns segundos para processar a coisa toda. Nisso, voltou Gerônima com o café, que o mergulhador não aceitou, dando a entender que não podia tirar o capacete.



O filho de Luiz virou a xícara de um gole e se recompôs. Posicionou a partitura em uma mesa e começou a tocar, nota por nota. Formavam um xote bom de dançar.

Conforme a música ganhava ritmo, o ovo começou a piscar, vermelho, azul, laranja, verde e amarelo, reagindo ao som da sanfona. De sua lateral, saíram outros quatro seres-mergulhadores, tocando bumbo, caixa e triângulo. Juntaram-se ao sanfoneiro e um deles tirou da bolsa outro papel e um microfone, que entregou à Gerônima.

A roceira bateu os olhos na letra, entendeu o ritmo e, lembrando dos tempos de cantora na juventude, soltou a voz:

— O sertão vai virar mar... Dá no coração, o medo que algum dia o mar também vire sertão...

Fechou-se ali um encanto. Antônio, Euclides e os mergulhadores formaram pares, e se puseram a dançar. O som foi atraindo gente das vizinhanças, e em pouco tempo todo o povoado bailava ao redor do ovo, num São João fora de época que atravessou a noite toda.

Na manhã seguinte, Antônio acordou primeiro. Não lembrava de ter ido dormir. Abriu os olhos, deitado no meio da roça, e nem sinal do ovo.

Aos poucos, o povo todo foi também se levantando, confuso. Pareciam despertar de um transe, sem entender direito onde estavam ou o que aconteceu.

Os mergulhadores tinham sumido.



Gerônima, a garganta arranhada da cantoria, a voz quase no fim, caminhou cambaleante até o lugar de onde brotou o estranho ovo. Encontrou lá um cachorro caramelo, desses bem vira-lata, latindo sem parar para um buraco que surgira no solo.

A roceira se aproximou e ouviu correr, lá embaixo, tanta água que nem pode acreditar. Chamou Euclides, Antônio e toda a vizinhança, e mandou trazer baldes e uma corda.

Daquele dia em diante, a roça de Gerônima deixou de ser só rotina. Tornou-se futuro. E toda última sexta-feira do mês, para não quebrar o encanto, o povoado se encontra lá para dançar o xote do ovo.

Ao cachorro, chamaram Baleia.



A PESCARIA DO PÃO JACARÉ

Chirles Oliveira

———— “ ————

A imaginação é o anzol mais antigo do Nordeste.

A vida no interior parece ser difícil, mas, para a criançada tudo vira brincadeira. Sou a caçula de seis irmãos de uma família bem humilde. Meu pai, trabalhador rural, batalhava de sol a sol para levar o sustento para casa. Com tantas crianças para alimentar, o cuscuz e a farofa acabava sendo a base do café da manhã com “sustança” na maioria dos dias.

Das várias memórias da infância, uma perpetuou-se em minha lembrança para sempre. Minha mãe, cozinheira de mão cheia, fazia muitas receitas criativas, na medida que a condição financeira permitia. Entre todas essas receitas, uma era minha favorita, o delicioso “pão jacaré”. Quem experimentava o excêntrico pão, percebia que não passava de um pão caseiro comum, pincelado com calda de açúcar. Mas o que atraía a atenção de todos, principalmente das crianças, era o formato de jacaré.

Era incrível como uma pessoa que havia crescido na zona rural, com pouco ou quase nenhum recurso, podia ser tão criativa. Ela sempre inventava algo novo ao preparar suas receitas, e todas saíam igualmente deliciosas, mas aquele pão era sem igual.

Naquela época, com tantas bocas famintas, nenhuma quantidade de lanche que fizesse era o suficiente para completar a semana. Meu pai trabalhava na roça e só voltava para casa na sexta-feira. Minha mãe conseguiu um emprego temporário em uma escola, então aproveitava o domingo de folga para preparar o lanche que deveria durar a semana inteira.



Aquele era o momento mais aguardado da semana, pois entre os pães e bolos, sempre haveria o aguardado pão jacaré. Ele era o mais disputado, os filhos menores brigavam para saber quem iria ficar com a parte da pata, outro dos olhos e outros da boca do bicho, dá para imaginar a euforia de todos.

Certa vez, minha mãe muito chateada, pois raramente os pães duravam até metade da semana, pegou os cestos de pães que havia feito e guardou dentro do seu quarto, em cima de uma mesa que ficava encostada na parede. Trancou o quarto pela manhã e saiu para o trabalho. Sobre a mesa da cozinha deixou apenas a quantidade que nós deveríamos comer naquele dia, dessa forma garantiria que os pães durariam toda a semana.

Meus irmãos quando acordaram, comeram os pães que estavam sobre a mesa, mas não se deram por satisfeitos, ainda não haviam experimentado o melhor da fornada, o pão jacaré. Procuraram no forno do fogão, no forno a lenha que havia no fundo do quintal e não encontraram os pães em lugar algum. Até que um dos irmãos mais velhos teve a ideia de espiar dentro do quarto da minha mãe.

Naquela época as casas não eram como as de hoje, as paredes eram apenas pela metade e não possuía forro, nem tampouco laje. Então quando subia na parede era possível ver do outro lado, e se a pessoa fosse muito habilidosa, poderia até passar por aquela abertura entre a parede e o teto.

Meu irmão olhou e viu o que tanto procurara. O cesto com todos os pães assados na véspera estava ali, ao alcance de

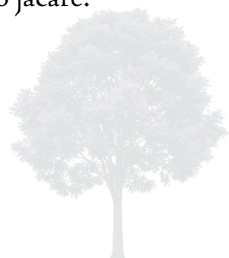


seus olhos e tão distante de suas pequenas mãos. Ele sequer cogitou entrar no quarto, pois não conseguiria voltar, então não havia muito o que fazer. Meu outro irmão, muito engenhoso e que, até então, servira somente como escada para o outro espiar a parede, sugeriu que fizessem uma lança. Uma lança? Como assim?

Isso mesmo, uma lança tipo aquelas que usam para pescar na Amazônia. Uau! Aquela parecia ser a melhor solução. Tiraram a vara que servia para erguer o varal no quintal, fixaram um prego na ponta, aquele improvisado serviria de anzol e lá seguiram para colocar em prática seu plano que mais parecia um filme de aventura da Sessão da Tarde. O mais novo se colocou no lugar onde estava anteriormente, e o mais velho subiu na parede, agora era só pegar a vara e pescar o pão jacaré.

Com um único golpe ele conseguiu atingir o jacaré na testa, agora bastava arrastar a vara e logo estariam degustando aquela delícia. Entretanto, como seus braços não era tão fortes e o pão era grande e pesado, ao tentar arrastar a vara, ele se desequilibrou de cima da parede e caiu dentro do quarto em cima da mesa dos pães.

Àquela altura não havia muito o que fazer, restava aguardar minha mãe chegar para encarar as consequências de sua peraltice. Ainda assim, ele ficou feliz, pois passou o dia no melhor lugar da casa, trancado sozinho com o pão jacaré.



LENDAS DO SERTÃO

Marcelo Souza de Oliveira

———— “ ————

Toda terra antiga aprende a falar através de suas histórias.

No sertão nordestino, por volta de 1923, reinava o medo por causa da campanha empreendida por um grupo de cangaceiros, chefiados por Virgulino Ferreira, o famoso Lampião. Seu grupo era formado, exclusivamente por marginais que o idolatravam, por causa da violência e, pasmem, por saber ler e escrever, algo raro por aquelas bandas.

O grupo vivia errando pela árida caatinga nordestina, porque já eram tidos como foragidos da justiça. O constante deslocamento fazia parte de uma estratégia de Lampião para confundir e dificultar qualquer tentativa de tocaia contra o grupo.

O sucesso da metodologia de trabalho do grupo constrangia as autoridades e servia de pano-de-fundo para diversas histórias que se tornaram fantasiosas lendas, cordéis e canções no imaginário popular. Por vezes até transformando-os numa espécie de justiceiros sociais, por atacar bancos e grandes fazendas.

Como aconteceu daquela vez em que...

O ano era 1934, o amado Padre Cícero acabara de falecer, seu secretário, Benjamim Abrahão, teve a ideia de ir ao encontro do bando de Lampião para fazer o registro fotográfico de suas façanhas. Mas, a dificuldade de encontrá-los era muito grande.

Sabendo das intenções do libanês, Lampião destacou dois cangaceiros para buscá-lo. Juriti e Marreca partiram rapidamente para cumprir a ordem do capitão.



A jornada através do sertão podia ser muito desgastante, mas os cangaceiros já estavam acostumados a dura vida, ambos alternam entre a cavalgada e caminhada, é nesse momento que Marreca chuta um objeto estranho, que estava enterrado na terra.

– Juriti, diabéíssaqui?

– O que é?

– Essa caixa durinha que ‘contrei na areia.

– ‘Xô, vê. Da cá.

– Tem um vrido mei estranho nessa cosa aqui.

Marreca estende a mão com o objeto e entrega a Juriti.

– Nunca vi isso não. Tá pareceno um espeio – Juriti coça a cabeça, virando e revirando a caixinha.

– Espeio preto? Num deve di sê não. Será que é uma arma?

– Oxi, se for, deve ser muito difícil de usar. É mais leve que pedra. – Juriti balança o objeto na mão para ter uma ideia de peso.

– Tá pareceno prásko, né?

– Num é qui é? Será que isso é coisa dos ‘macaco’?

– Credo, só pode.

Os cangaceiros recomeçam a jornada montado em seus cavalos, Juriti devolve o objeto a Marreca. A caixinha preta, que cabe na palma da mão do cangaceiro o deslumbra. É mais fino que um tijolo e mais leve que uma pedra. Não tem um cano pra sair as balas, e nem gatilho para apertar, mas as formas



retangulares, bem torneadas e as dimensões compactas do objeto davam-lhe a impressão de que era algo valioso.

– Juriti?

– Qui é?

– Tô pensano nesse troço acá.

– E daí?

Marreca continua manuseando o objeto.

– Num tá pareceno aquelas paca de cigarro?

– Tá não. – Juriti responde olhando a mão do companheiro. – É muito fininho, num cabe nada aí dentro dissaí. Nem tem boca pra punhá nada, sô.

– Sei lá, eu queria tanto sabê de que serve um troço disso.

– Ará, larga mão de ‘cê besta, ômi. Isso é só um trequinho de criança. – Juriti desdenha.

– Sará? Um negocim desse tão bem feitinho, pra criança?

– Oxi! E né não? – Juriti retoma o objeto. – Ói, bem, num asserve de arma, num é pesado, num leva cigarro, entonce é de criança, só pode.

– Ômi, num é que vosmecê pode tá certo. – Marreca pega de volta. E guarda no bolso da calça.

A cavalgada dos cangaceiros continua, até quase o pôr-do-sol, Marreca leva as mãos acima dos olhos a fim de fazer sombra e enxergar melhor o caminho.

– Acho que arrente só chega amanhã.



– É memo, vamu armar as mochilas aqui pra mode descansar.

Assim que apeiam começam a retirar as cobertas do lombo dos cavalos. O cansaço os obriga a adormecer rápido.

Assim que os primeiros raios de sol surgem no horizonte, Marreca dá um salto assustado.

– Valei-me Padim Ciço!

– Qui foi ômi? – Juriti também se assusta.

– Tem um treco tremendo aqui no bolso.

– O qui é?

– Ói, ói, ói... – Marreca retira o objeto do bolso e joga no chão.

– Credospai! – Juriti também se assusta.

Ambos saem correndo e se jogam no chão atrás de um arbusto ressecado.

O objeto continua vibrando e começa a tocar um som de música.

Os cangaceiros se entreolham. Juriti puxa o revólver e aponta para o objeto. Ele atira duas vezes, mas erra o alvo. O objeto continua vibrando e tocando. Marreca se levanta.

– Ô, Juriti, vosmecê num disse que isso pode ser cosa de criança?

– É, disse, mas nunca vi nada disso não.

– Esse troço começou a tremer e agora tá saino uns sons meio estranho.

– É, eu sei, tô veno tumém.



– Acho que num percisa quebrar o treco não.
– Oxi! O que então?
– Num tá pareceno música? – Marreca se aproxima cautelosamente.

– Diab’di música, ômi?
– Tô falano. É música, ôi só.

Após a parte instrumental, uma voz humana (ou algo bem próximo) começa a sair do objeto.

– Issé um ômi cantano? – Juriti está cada vez mais desconfiado.

– Só pode, num conheço nenhum animar cuma voz dessa.

De repente o objeto para de tocar e tremer.

– Ói, ôi, viu?
– Vi? Vi o quê, ômi?
– Parô!
– Ára, isso eu sei. Mas, i agora?

Marreca pega o objeto.

– Tá inté mei quentinho, ôi.
– Ômi, larga isso de mão, né cosa de Deus não.
– Ára, até qui achei bunitim. Ói, aqui, Juriti.
– O quê?
– Apareceu umas cosas aqui no vrido.
– O que é?
– Ói, que diabéisso? É letra, é?
– Ára, sei não. Só o capitão que conhece esses rabiscos.



– Eu sei tumém, ele me ensinou algumas letras.
– Ára, intonce me diz vosmecê!
– Tem um “A”, um “L”, ôtro “A”, esses dois num sei, mas esse úrtimo é “E”.

– Issé o quê entonce?

– Ára, sei não.

Juriti faz uma careta de quem não quer perder tempo, ele pega o objeto na mão. Percebe o calor que emana dele e olha para o amigo.

– Marreca, pára e pensa numa cosa.

– O que é?

– Quem escreveu issaqui?

– Ára, sei não, pareceu aí, ué.

– Tô falano qui issé é de Deus não, ômi.

– Sarà?

– Isso treme, sai uns som estranho, uma gente cantano e agora umas letra... Issé cosa do cramunhão, ômi. Melhor arrente se alivrar disso.

– Oxi, vosmecê acha?

– Pelo Padim Ciço. Acho sim.

Marreca tira o revólver da cintura, coloca o objeto no chão e o estraçalha com o punho. Depois cava um pequeno buraco e coloca os estilhaços nele.

Mais meio dia de jornada, a dupla encontra com Benjamim e retornam para o bando sem nenhum outro incidente.



Essa história foi contada por um tal Chiquinho lá pelas bandas de Juazeiro. Talvez seja mais uma obra da Divina Providência. Todo mundo sabe que “a voz do povo é a voz de Deus.” Mas a verdadeira pergunta a ser feita é: como um aparelho celular foi parar no meio do sertão nordestino em 1934?

MISTÉRIO NA ILHA DO CARANGUEJO

Verissimo dos Santos Furtado Filho

———— “ ————

Há perguntas que continuam vivas
porque ninguém encontrou a resposta.

A canoa cortava o espelho d'água sem muito ruído. Seu Zé Domingos remava vagarosamente, os braços marcados por manchas que esbranquiçavam sob a luz da lua cheia. Na popa, Rosamaria com seus cadernos e smartphone se equilibrava com a desajeitada coragem de quem nunca aprendeu a confiar no balanço das ondas.

– Seu Zé Domingos, o senhor estava lá? Naquela noite?

– Ela usava seus dispositivos para registrar a conversa.

O velho permaneceu em silêncio. Seus olhos estavam fixos num ponto distante, onde o céu encontrava o mar numa linha invisível. A Ilha do Caranguejo crescia no horizonte como uma tartaruga gigante adormecida, escura e densa, com seus mangues vestidos de raízes que pareciam dedos de heptápodes enterrados na lama.

– Faz quarenta e oito ano – ele disse por fim, a voz era mais rouca que o vento. – Quarenta e oito ano, e ainda sinto o chêro.

Rosamaria conferiu na tela do celular para ver se o registro estava sendo feito. Para assegurar, anotou no caderno com a pressa de quem tem medo de perder as palavras. Ela pesquisava fenômenos atmosféricos pela Universidade Estadual do Maranhão, viera de São Luís com uma pasta cheia de artigos sobre plasmas naturais, combustão espontânea de gases do mangue e relatos históricos de luzes em zonas úmidas. Acreditava, com a certeza dos jovens acadêmicos, que todo mistério tinha uma explicação científica.



- Que cheiro, seu Zé Domingos?
 - De queimado. De carne que não devia ta queimando.
- ***

Era setembro de 1977. Zé Domingos tinha dezoito anos, era magro como um varapau, e a fome em casa era tão grande quanto o mar que adentrava a Baía de São Marcos. Naquela noite, ele e dois amigos partiram com suas redes. O céu estava limpo, as estrelas pareciam lamparinas acesas, e o vento soprava de leste, sinal de pescaria boa.

A ilha surgiu como sempre: primeiro o cheiro do mangue, depois o ranger dos galhos no escuro, por último a sensação de que alguma coisa os observava. Mas naquela noite algo estava diferente, mais estranho do que de costume. O ar ficou pesado, daqueles pesos que não se mede em balança, mas no peito. Um de seus amigos começou a tossir. O velho Mané Bento, que já tinha visto coisa no mar, disse que o cheiro estava esquisito, como se fosse diesel, mas um tanto adocicado.

– Foi quando apareceu uma luz – Seu Zé Domingos disse enquanto a canoa se aproximava lentamente da costa. – Não era luz de barco nem de farol. Era uma luz que vinha lá de dentro e, também, lá de cima. Pareceu até que o céu abriu um olho bem no meio da ilha.

A canoa encostou na areia. O silêncio ali era outro, mais grosso, mais velho, mais intenso. Rosamaria desceu com cuidado, os pés afundando na areia fria. Seu Zé Domingos ficou



na canoa, os remos atravessados, feito uma sentinela que se recusa a pisar em território inimigo.

– O senhor vem?

Ele quis relutar, mas não ia deixá-la sozinha.

– Num é bom a gente demorar por aqui.

Ela olhou para a ilha. As folhas dos mangues balançavam sem vento. A vegetação respirava com a maré. E então ela viu “a cicatriz”. Era um círculo perfeito na vegetação rasteira, mais clara que o resto, formava um anel que se estendia por dezenas de metros. Era como se algo tivesse queimado tudo ali e o chão nunca tivesse se recuperado.

– Taí a marca – disse o velho. – Dizem que é fogo de estrela e que queima até o osso da terra. Os inginhêro da Marinha dissero que foi incêndio comum. Pensa bem que a gente é besta.

Rosamaria se ajoelhou para tocar o solo. Estava seco, quebradiço. Coletou uma amostra e colocou no saquinho de plástico, fez anotações sobre a extensão da área queimada, sobre a ausência de fuligem, tirou fotos. Comportava-se como cientista, mas a mão tremia levemente.

– O que aconteceu com seus companheiros?

Seu Zé Domingos fechou os olhos. Quando voltou a abri-los, neles havia uma luz que não vinha da lua.

– A luz desceu. Num caiu, desceu. Como uma nuve que quis virar gente. Ela num queimô, fez foi isculher quem ia queimar. Eu corri pra dentro do mangue, me infiei na lama inté



o pescoço. Finado Mané Bento correu comigo, mas ficou pelo caminho, e finado Zé Rufino nem conseguiu se levantar da meaçaba que ele estendeu no chão pra cochilar. – ele parou, a mão tateando as cicatrizes no braço. – Eles começaram a brilhar por dentro. Depois pegaro fogo.

Rosamaria sentiu o estômago embrulhar. Na gravação do celular, o silêncio do velho pesava mais que qualquer palavra.

– O que o senhor acha que foi?

– Num acho é nada. Fiz foi ver.

– Mas podia ser fósforo branco. Ou gás metano acumulado na lama, que às vezes inflama sozinho. Há registros de fenômenos assim em áreas de mangue. O calor intenso pode causar queimaduras antes mesmo de a chama aparecer. E o medo, em grupo, pode fazer as pessoas verem coisas que não...

– A dotôra já viu gente pegar fogo sozinha, sem fogo nenhum aparecer?

Ela não respondeu.

– A dotôra já sentiu um brilho quente descendo do céu, parando no mei do ar, e pensou: isso aqui é gás?

Rosamaria ajustou o celular, evitando o olhar do velho.

– Não. Mas já li sobre...

– Leitura é outra coisa. Leitura tá no papel. Aquilo tava era na carne.

Ele tocou as próprias cicatrizes novamente, passando os dedos sobre as manchas esbranquiçadas como quem consulta um mapa antigo.



– O governo disse que foi acidente de combustive de barco. Mas nem tinha barco naquela noite. Os pescadô dessas banda nem usava barco com motor. A gente vinha era de canoa, remando. Mandaro a Marinha, fez perícia, escutaro a gente. Depois sumiu. Nunca mais viero falar disso com a gente.

– E os senhores?

– A gente falava uns com os outro. O véi Bacurau dizia que era alma penada, que a ilha era incantada. Mamãe dizia que era castigo. Eu... – ele hesitou – eu passei quarenta e oito ano sem falar. Quarenta e oito ano. Mas agora eu criei corage pra falar. Alguém tem que saber.

O vento mudou. Algo rangeu no mangue, um galho que se move sem motivo. A cicatriz no chão pareceu mais escura sob a lua.

– Por que o senhor me trouxe aqui? – perguntou Rosamaria.

Seu Zé Domingos olhou para ela com uma expressão que misturava cansaço e algo mais antigo, algo que parecia desconfiança.

– Porque tu veio perguntar. Tu achou que era ciência. Num sei o que foi, minina. Mas que num foi gás, isso eu sei que num foi. Nem fófi. Nem alma penada. Mas foi alguma coisa que a gente num sabe dizer. Talvez tu sabe. Talvez não. Mas taí a marca.

Rosamaria caminhou até o centro do círculo queimado. Apoiou as mãos nos joelhos, respirou fundo. O ar ali era



diferente – mais seco, mais quieto. Tirou um medidor de umidade da mochila, um termômetro de solo, um contador de partículas. Os aparelhos funcionavam, os números apareciam nos displays, mas não diziam nada que ela pudesse traduzir em certeza.

A umidade era normal. A temperatura, normal. As partículas suspensas, as esperadas para uma área de mangue.

Nada.

O fenômeno de 1977 não deixara rastro mensurável. Apenas a memória, as cicatrizes nos braços do velho e aquele círculo no chão queimado que ninguém conseguiu explicar.

– Seu Zé Domingos – ela disse, quando voltavam para a canoa –, se não foi combustível, nem gás, nem fenômeno atmosférico, o que o senhor acha que foi?

Ele deu de ombros.

– Tem coisa que num precisa de nome. Tem gente que passa a vida querendo dá nome pra tudo, e quando num sabe, inventa. Incantado, castigo, etê, caboco... – é tudo nome pra merma coisa: o que a gente num sabe. A diferença é que tem gente que aceita e tem gente que num aceita que num sabe. Outros faz de conta que sabe.

Rosamaria guardou os aparelhos, o caderno, o celular. Sentou-se na canoa e olhou para trás, para o círculo queimado que se afastava lentamente.

– E o senhor aceita?

Ele pegou os remos, mergulhou na água negra.



– Aceito que num sei. Mas num aceito que me mandem isquecê.

A canoa deslizou de volta para o continente. A lua, agora mais alta, banhava a ilha de uma luz fria e indiferente. Nenhuma outra luz apareceu. Nenhum barulho, nenhum brilho, nenhuma manifestação extraordinária.

Apenas o mangue, o mar e dois seres humanos navegando sobre o silêncio.

Na manhã seguinte, no ônibus que a levava de volta para São Luís, Rosamaria revisitou as anotações, viu as fotos, ouviu o testemunho de seu Zé Domingos. O caderno continha os fatos: três pescadores em setembro de 1977, apenas um sobreviveu com queimaduras, os outros dois morreram, uma área de vegetação queimada em círculo, depoimentos contraditórios, uma investigação da Marinha arquivada sem conclusão.

A gravação guardava a voz de seu Zé Domingos: rouca, pausada, atravessada pelo som do vento e da água.

O saquinho com a amostra de solo continha apenas terra seca.

No laboratório da Universidade Estadual do Maranhão, ela passaria semanas tentando encontrar algo – resíduos de combustível, alterações químicas, qualquer traço que confirmasse uma hipótese ou afastasse outra. No fim, os exames não apontariam nada conclusivo. O solo era solo. As cicatrizes do velho, cicatrizes. As mortes, mortes.



O relatório que ela escreveria terminaria com uma frase que lhe custou muitas noites em claro: “Os depoimentos colhidos e as evidências materiais disponíveis não permitem determinar a causa do incidente com o grau de certeza exigido pelo método científico. O arquivo permanece aberto”.

Seu Zé Domingos, quando recebeu uma cópia pelo correio, leu devagar, passando o dedo sobre as letras como quem aprendeu tardiamente. Guardou o papel dentro de um caderno velho e voltou para a varanda.

Deitou na rede, acendeu um cigarro de palha, olhou para a Baía de São Marcos.

– Aberto – murmurou. – É isso. Aberto.

No braço, as cicatrizes brilhavam sob o sol como lembranças que não pedem explicação.



A CAÇADA NOTURNA

Arlison Frank

———— “ ————

O medo também deixa pegadas na areia do tempo.

Então, já fazia um mês que Vidal tinha feito a cirurgia da tal da apendicite. E, olha... foi um sofrimento danado pra ele ficar esse tempo todinho parado. Hum!... Tu acha mermo que o sujeito vai ficar sucado dentro de casa sem triscar numa enxada, numa espingarda pra caçar o que comer? Fica nada! Ele não ia viver só de juçara com peixe seco, nem só de bandeco dado pelos vizinhos.

O homem ficou foi agoniado. Aí, ontem ele danou que ia sair pra caçar. Minino, eu xalerei ele pra não sair de casa, que a gente passava apertado, mas passava; que ele ia só caçar arte. E se ele morre nesse mato, eu fico com esses piqueno aqui tudinho sem pai? Naaam. Mas cumpade Dica sabe como ele é teimoso. Ele tem o juízo de um jumento véi. Passou o dia com quizilha: “isso não é vida de cristão não, nega... ficar em casa parado. Tá cá gota!” Aí de noite, que tava abafado que só o cão depois daquele toró de mais cedo, ele nem disdobrô, bateu o pé, afobado que só ele, e decidiu sair.

Não tem home mais arriliado nessa baixada maranhense todinha... Coá, mas do que Vidal? Não tem! Foi só eu descuidar, já tava arrumando a espingarda. Fiquei só olhando. “Não te tigo nadinha”. É um tal de “não te avexa, nega; vou bem aí e volto já”. Tarde da noite, ele me deu um xero no cangote e saiu. Com uma japonesa no pé, a espingarda no ombro e um cofinho pendurado na cintura.

Dizendo ele que, no caminho, sabe aquele caminho de porco bem aí, na virada do terreno de Joca Cagueta, marido de



Severa? Aquele que fica pra cá do cento de finada Tereza de Assis. Ali, atravessou por cima dele uma rasga-mortalha, caladinha, ligeira que só um sopro, avuando.... Ó, me arrupei o corpo todinho. Cruz credo! Ave maria! Bicho panema que só, passar por riba da gente. Eu já tinha voltado. Vidal? Só cuspiu de lado, arrumou o chapéu, fez o sinal da cruz e seguiu caminho. Acho que o senhor lembra da rasga-mortalha que fica aqui arrudeando no fundo do quintal, fazendo visagem pra criança. O pai de Vidal dizia que aquilo ali é a finada vó dele. Onde já se viu, dona Romualda, coitada, virar um bicho desse. Coá! Deus o livre! É um bicho bonito, grande, mas é rasga-mortalha. Isso não tá certo! Escuta. Ele me disse que parou, e arremendou ela, depois ficou acompanhando ela avoar por riba dele até sumir no mato. Agora bem aí... Isso é coisa que se faça?

Passou um tempo, ele andou no rumo da baixa da égua, pediu licença pra entrar no mato, que ele também não é doido. Porque respeito é bom e cabe em qualquer lugar. Lá, foi dando sentido no chão, um rastro aqui, outro ali, viu vestígio de porco. Eu acho que a agonia dele de sair, era porque ele já sabia que tinha bicho passando naquele cafundó do brejo. Vidal tava de coca debaixo de um pé de bacuri quando viu o bicho, um porco grande, bonito. Ali mermo ele se encostou, ficou quietinho escutando e se preparando pra mode não dá erro na tucaia. Não é, que nessa hora, ele ouviu uma zuada de alguém batendo nas árvores. “Tuc... tuc.. tuc...”. Não dava pra ver de onde. Sabe? Esses barulho que têm no mato, que vem lá da caixa-prego. Um



som seco, como se tivesse uma pessoa batendo no tronco de uma árvore. Mas aquela hora da noite? Mermão, quem que vai sair de sua casa pra tá batendo ne árvore essa hora da noite? Mas o djabo é muleque, né? Pra mim, ele dormiu escorado nesse pé de bacuri. Ele também disse que nunca tinha ouvido essa zuada, mas o siô sabe como é mato, né cumpade? Se escuta coisa que até Deus duvida. Tem hora que a gente pensa mermo que é aparição. Coisa do mato, sem nome que se conte. O problema maior foi que nessa hora ele sentiu a cirurgia doer, com o bucho repuxando. Um ardume fundo que atravessou até os vazio de lado a lado. Como se alguém tivesse acendido fogo lá dentro do imbigio dele. Ali, ele já ficou meio curvado sobre o sentido, aberando a dor com a mão. E tu sabe que ele não é home de ficar com frescura com dor. Naaam, nunca foi de ficar se reclamando. Mas ele devia ter pegado o rumo de casa na merma hora. Mas a cabeça dele tem menos juízo que a cabeça de um jumento.

Menos mal que aquilo ali não assustou o porco, que ficou parado ainda, majestoso, bonito, distraído numa refeição. Vidal disse que foi procurando jeito de arrumar um lugar mais nos conforme. Foi se achegando de lado, que nem caranguejo, de mansinho, até encostar perto de uma ingazeira. Mata fechada tem ingazeira bonita. Bonita como se fosse o amor de mãe da gente. Tão alta que parece se arribar até a porta do céu. Ali mermo Vidal se escondeu. Preparou a espingarda dele, ficou mirando, já tava convencido que dava pra acertar. Nessa hora, dizendo ele, que lembrou foi do siô cumpade. Que se cumpade



Dica tivesse ali com ele, ia ajudar pegar esse bicho. Mas o siô ainda tá ruim do bucho, tinha passado o dia ubrando e baudiando, precisava se cuidar. E depois, cumpade também tem um magote de coisa pra fazer, né?

Vidal tava lá, mirando no porco dele, quando ouviu de novo a zuada três vezes. “Toc.. Toc.. Toc..” Coá! Hum! Agora não tinha mais distância não. Foi muito mais perto. Esse home disse que na merma hora sentiu como se alguém tivesse dado um bogue no bucho dele. Vidal ficou duro, a cirurgia começou a arder como se fosse picada de tucandeira. Ele se curvou mais do que gongo dentro de coco. Nessa hora, eu tenho certeza que ele se alembrou do que eu falei pra ele. Essa dor todinha é arte dele. Com dor, ele se dobrou, de coca, segurando na barriga e gemendo baixinho. Dizendo ele que tava fazendo esforço pra mode não assustar o porco. Marrapá! O bicho ficou lá parado, como se ele não tivesse nada a ver com o causo. Mas cadê que Vidal voltou pra casa? Não tô dizendo!

Passou um tempo, ele viu que não tinha nada por perto, mermo com dor, ajeitou a arma e mirou no porco. Tem cabimento uma arrumação dessas? Ô home teimoso da moléstia. Arre égua! Té doido home! Naaam. Vidal prefere passar por isso que ter fama de mufino. Acho que ele tava pensando nos bacuri que ele tem aqui pra criar, porque pra ele passar isso. Ou então ele já não aguenta mais é comer peixe do empoçado que criança pega aqui. Esse peixe não pega gosto de tempero, até o caju que a gente cozinha junto fica desconsolado.



O fato é que antes a zuada era lacolá, agora era bem aí. Vidal olhava pro porco, o porco olhava pra outro canto, pra lá de onde vinha o som. Ele já pensou foi logo nessas coisas que anda no mato que a gente não vê. Maria de Rufino diz direto que não é porque a gente não vê, que não existe. Ele ficou lá prestando reparo, queria ver se ouvia alguma coisa mais. Dizendo ele que não era bicha parida com filhote não. Pois então, levantou a arma, de novo mirando o bicho. Aí, ele ouviu atrás um passo, pesado, devagar. O senhor acredita nisso cumpade? E de repente, do nada, as pancadas vieram de novo. “PÁ! PÁ PÁ!” Parecia bater dentro da cabeça dele. A dor da cirurgia explodiu. Ele se dobrou todinho, se escorando numa sapucaeira ali por perto. Vixi, ficou logo de vista escura, e de corpo mole, escorrendo suor. Nessa hora, nem lembrou mais foi de caça nenhuma. Ele queria sair dali desembestado no meio do mato. Mas quem disse, parecia que o medo tinha escangalhado as pernas dele. Moço, que nada! Ele não tinha condição de pegar carreira. Não é doido, podia tá em casa! Não é? É cada presepada que a gente vê. Desde cedo, eu disse pra ele se sair fora disso. Mas ali, naquela hora, o que segurava ele era o medo. Passou tempo encolhido, dobrado, cabrero. Ouviu, sabe-se lá o que atrás dele. Ficou quietinho pensando “agora pronto... a próxima pancada vai ser em riba da minha costa...” Ficou esperando. Não veio. Nada. Silêncio. Só a respiração da mata. Mas ele sentia que tinha alguma coisa atrás dele. Fucijou o resto de coragem e virou pensando “seja o que Deus quiser”. No que virou, puxou o



gatilho. Num instante só. Quando viu, tava lá, bazugada no chão, a rasga-mortalha. Tu bota fé nisso? O sangue guará esparroso no corpo quarado, produto da malinidade involuntária de Vidal. No instante do tiro, ele diz que a mata se agitou, que viu sair até macaco e serelepe da sapucaieira. Depois dessa agitação, ele se aproximou pra dá golpe de vista no bicho morto. A merma que se assenta aí no fundo do quintal. Dele um sentimento de pena nele. Ele não queria ter feito isso. Não queria mermo, não é do feitio dele. Mas que diacho que esse bicho faz vaquejando Vidal? Aí pronto, foi o que faltava pra ele voltar pra casa. Na merma hora desistiu do porco, que já tinha saído correndo há muito tempo. Mas também ninguém é besta de esperar bala na mulera.

Com o coração apertado, a cirurgia em brasa e sem trazer nada, Vidal voltou mais humilhado que um cachorro véi quando o dono descobre que ele come ovo de galinha. Eu preocupada com ele, não conseguia dormir. Fiquei deitada, mas de olho aceso, porque a gente se deita já pensando numa renca de coisa pra fazer, e esse outro ainda nem se recuperou e tá no mato como se fosse bicho. Quando ele chegou, foi direto tomar banho. Depois, veio falar comigo se queixando de dor, me contou os acontecidos e me mostrou a cirurgia toda inflamada. Quando ele saiu daqui, ela não tava madura, mas de vez. Sequinha. Agora, ele me vem bichado, cheio de pus. O jeito foi passar remédio, cuidar da inflamação e brigar com ele. Vidal não é mais minino, pra tá cutucando arrumação. Não foi falta de



recado. Ele passou o resto da madrugada todo mole. De manhã, eu acordei e fui fazer o café. Minino, o siô não acredita. Quando eu saí pro jirau, pra lavar uma frigideira, fiquei encabulada e chamei Vidal. “Levanta aí rapidim, vem ver uma coisa aqui comigo”. Quando ele chegou, eu aponteí para ele. “Olha ali, em cima do toco”: A merma rasga-mortalha, olhando pra gente. Eu só ouvi ele sussurrar “éguas... Té doido! Nega, eu dei um tiro nesse bicho”. Me olhou, não disse mais nada. E voltou pro quarto. A história é essa cumpade, é por isso que hoje ele tá todo sem fole em cima da cama.



UM CORPO QUE CAI

Alexandre Breck

———— “ ————

Algumas quedas ecoam muito depois do impacto.

O sol de Paraibano já queimava o chão de barro quando Raimundo se levantou. Lavou o rosto na bacia de alumínio, vestiu a camisa azul e calçou o sapato gasto. Maria, sua mulher, coava o café na cozinha. O cheiro espalhava-se pela casa simples.

— Vou ali encontrar Pedro e Carlos — disse ele, com o olhar sério e preocupado.

— Cuidado, homem. — Maria respondeu, sem desviar os olhos da chaleira. — Esses dois andam com conversa estranha.

Raimundo, tentando tranquilizá-la.

— São meus primos. A gente vai resolver um negócio. Volto antes do almoço.

Ela assentiu, mas o coração ficou apertado.

Acenou para os filhos e saiu pela estrada de terra, sob o sol nascente. O barulho do motor da rural se perdeu na poeira vermelha que subia lenta, misturada ao canto das rolinhas.

O caminho era conhecido. Raimundo o percorrerá centenas de vezes. A paisagem era a mesma: babaçus altos, o cheiro de mato queimado e o canto das cigarras. No horizonte, a casa onde Zé e Carlinhos o esperavam.

Quando chegou, os dois já tinham armado uma tocaia esperando a sua chegada.

— Até que enfim, homem! — gritou Zé.

Carlinhos limpava a lâmina de sua peixeira, gesto que Raimundo mal notou.



O sol já alto batia nas costas, e o calor fazia o ar vibrar. Raimundo falou sobre a última conversa, sobre vender a sua parte na empresa que os dois tinham juntos. Zé o escutava com um sorriso torto.

Então, rasgando o ar pesado, veio o primeiro tiro.

O som seco cortou o ar, ecoando entre as palmeiras das juçaras. Raimundo levou a mão ao ombro, cambaleando. O segundo disparo atravessou-lhe o peito. Antes que pudesse reagir, Carlinhos o segurou por trás e enfiou a faca uma, duas, três vezes.

O corpo dele dobrou. O sangue escorria quente, manchando a terra. Os dois homens fugiram, desaparecendo na mata.

Raimundo ficou ali, de joelhos, olhando o próprio sangue. Tentou respirar, mas o ar vinha em soluços. O sol lhe queimava o rosto. Por um instante, pensou em ficar ali mesmo. Mas então lembrou-se dos filhos, da promessa feita a Lúcia: “Volto antes do almoço.”

A vontade de voltar para a casa era maior que a dor.

Arrastou-se até o carro, cada passo uma prece. As mãos tremiam, o corpo latejava, mas ele conseguiu girar a chave. O motor roncou.

— Eu chego... — murmurou. — Eu chego em casa.

A estrada parecia interminável. O volante escorregava do sangue, o para-brisa embaçado pelo sol e pelo suor.



Raimundo respirava com dificuldade, mas seguia. Cada metro vencido era um milagre.

O vento entrava pela janela, levantando o cheiro de pólvora e ferro. O tempo já não tinha forma. Ele via vultos, lembranças, fragmentos: o rosto da mulher, o riso do filho mais velho, o cheiro do arroz de cuxá na panela.

O carro balançava nas valetas, mas Raimundo continuava firme.

— Eu chego... — repetia, como um mantra.

Quando as primeiras casas de Paraibano apareceram, o coração dele deu um salto. A vida se esvaía, mas o instinto o mantinha desperto. O povo na rua olhou aquele carro que vinha devagar, os faróis piscando, o som do motor falhando.

Maria, que varria o terreiro, reconheceu o barulho.

— Raimundo? — disse baixinho, sentindo o corpo gelar.

O carro parou diante do portão. Raimundo abriu a porta com esforço.

Deu dois passos, tropeçou e caiu.

— Raimundo! — gritou Maria, correndo.

Os filhos vieram atrás, assustados. O mais velho segurou o braço do pai e a filha começou a chorar. Raimundo tentou sorrir, mas a boca já não obedecia.

— Eu... voltei... — sussurrou.

E então, o corpo cedeu.



Caiu pesado sobre o chão de barro, o sangue se misturando à poeira quente.

Um corpo que cai faz um som que o coração nunca esquece.

O silêncio se espalhou pela rua.

Lídia o segurava nos braços, balançando o corpo como se pudesse trazê-lo de volta.

— Fica comigo, homem... — repetia, entre soluços.

Os vizinhos se aproximaram.

Dona Mariquinha, a benzedeira, fez o sinal da cruz.

— Ele voltou pra casa. Deus mostrou o caminho.

O sino da igreja começou a tocar, compassado, como se partilhasse o luto daquele instante.

O velório foi na sala da casa, simples e cheia de gente. O povo veio de longe: pescadores, lavradores, curiosos, todos pra ver o homem que, ferido de morte, ainda encontrou força pra voltar pra casa.

Maria manteve-se firme. No canto da mesa, colocou um prato de arroz de cuxá e um pedaço de peixe frito no almoço que ele não comeu. O filho mais velho, com os olhos marejados, disse:

— Pai morreu como viveu: teimoso, valente e de palavra.

Naquela tarde, o cortejo saiu devagar pela rua principal. O sol queimava o ombro dos que carregavam o caixão. As



mulheres rezavam, os homens andavam em silêncio. O padre falava de perdão, mas o povo pensava em justiça.

Quando o corpo baixou à terra, o vento soprou forte, espalhando a poeira vermelha pelo cemitério. Maria olhou para o céu e murmurou:

— Tu voltaste, Raimundo... do jeito que prometeu.

Passaram-se dias, depois semanas.

A cidade ainda falava dele.

Alguns diziam que era destino, outros, traição de gente ruim. Mas os mais velhos garantiam: Raimundo não morreu só de bala nem de faca, morreu de coragem.

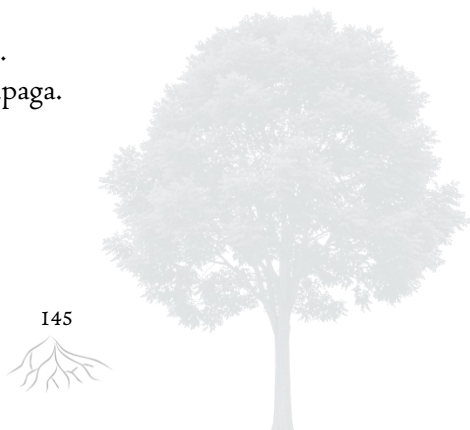
E quando o vento sopra quente pelas ruas de Paraibano, há quem jure ouvir o ronco distante de um motor. Dizem que é Raimundo passando, cumprindo a promessa de sempre voltar para casa.

Porque há mortes que não terminam, apenas descansam.

E há amores que resistem até o último fôlego, como o dele, que guiou o próprio corpo de volta, pra morrer diante dos olhos que mais amava.

Um corpo que cai...

mas que nunca se apaga.



FOGO NA ALMA DO SERTÃO

Enver Sampaio

———— “ ————

Há incêndios que queimam a terra;
outros iluminam a resistência.

O outubro, mês dos ventos fortes, começo do “*b-r-ó bro*”, conhecido nos sertões cearenses por suas rajadas de ventos quentes, solavancos termais que suspendem poeira e folhas secas pelo chão. Estação de calor impiedoso, onde a brisa não agracia, arde, soprando os galhos secos das árvores, que parecem não ter mais forças, assim como o espírito sertanejo, que esmorece com tanto sofrimento. O sol, em chamas, castiga ainda mais nessa época do ano, o verão nas linhas equatoriais parece mais quente e insuportável do que em outras regiões, tornando o sertão um ambiente inóspito. A vegetação aciona o modo sobrevivência, perde todas as folhas, que caem secas, formando um chão de palha de malvas e gramíneas farfalhando. Nossos ancestrais indígenas diziam que a mata ficava branca, que no tupi, língua mais falada na época que não se contavam os anos, mas as fases da lua e a chegada da arribação, chamavam de caatinga, essa antítese de bioma.

Nesse calor de doer os ossos, de cansar as carcaças dos animais, que tensos procuram qualquer mingua de sombra para se esconder, rastejam atrás de umbuzeiros, achando apenas algumas matas ciliares, beiras de riachos e açudes que ainda resistem a essas intempéries, onde as carnaúbas se sobrepõem. As águas evaporam, substância volátil que some, secam, sobrando apenas os balseiros argilosos, parecidos com mangues secos, onde o animal que entra afunda e atola no resto de umidade deste mar de sequidão. É o fiapo de vida acuado, cercado pelo terror da estiagem. Os açudes somem, dando lugar



à lama rachada e rija, sobrando alguns bodós, carás, piabas, piaus, traíras, mussuns e com muita sorte ainda podemos achar um curimatã, surubim ou pacamã. Toda a vida se afugenta, não com medo, mas esperta se retrai, recua e aguarda as primeiras chuvas de fim de ano. Até lá a labuta é dura. Os dias são largos, o tempo lento se arrasta, o sol desatinado derrete as horas. As tardes se prolongam pela eternidade e as manhãs já nascem quentes.

Já dizia Euclides da Cunha¹, o sertanejo é, antes de tudo, um forte. Viver, ou melhor, sobreviver a tudo isso e ainda procurar ser feliz em uma terra como essa, é um desafio extremo. Já não fosse o bastante, ainda convivemos com o fogo, um laranja escarlata que corta a noite mata adentro, espalhando-se com o sopro quente, multiplicando a tragédia. Correm tejos, preás, mocós, tatu-pebas, calangos e saguís, tentando escapar por entre as rochas cristalinas destes solos rasos. Verões incendiários, por força da natureza ou do homem, castigo divino ou fruto do comportamento irracional do Hercules-Quasímodo. São horas infernais, o fogo sobe morro acima, destruindo imburanas de cambão, amburanas de cheiro, caatingeiras, baraúnas, alecrins-pimenta, que tantas moléstias curaram. O gosto de fuligem vai amargando à boca, não terá mel pra adoçar, zumbido de abelha não irá se ouvir, sem as pétalas de aroeiras, juazeiros e juremas.

Hoje, o corrupção enlutado não tem cantoria, vestindo sua manta negra, voando penoso e cego, sem ver onde pousar.



Respira fundo a fumaça, engasgando com o cheiro alcalino, a lágrima vermelha escorre pelo bico longo e mudo, tudo é cinza. As planícies e chapadas são um deserto monocromático, também é deserto seu coração. O urubu-rei planando de asas abertas, rodopiando em grupo, igual redemoinho, farejando a sobra fétida. Pousam corcundas, carregando nos ombros pontudos, o peso de cumprir a miserável sina das horas tristes.

E a esperança? Há esperança. Ela é como uma roupa que vestimos todo dia, sem saber. A capacidade ingênua de imaginar um amanhã melhor, sem chamas na caatinga. O papa-capim a se alegrar, com o céu acinzentando, nuvens avançando pesadas. O estalido estridente rompendo o silêncio da mata rasa. Trazendo a boa nova, ecoando alto pelas matas e grotões, anunciando o fim da estiagem. Relâmpagos e trovoadas. Assustando os gatos-do-mato, que correm para se esconder. Encerra mais um ciclo. Sopra a brisa fria do sereno calmo, as primeiras gotas grossas caem agraciando as ramagens, pancadas de carinho na terra castigada, enchendo as cabeceiras, surtindo as barragens.

Assim, florescer no raiar do dia, desabrochar a flor do umbú sob os feixes de luz celestial, cruzando à névoa branca do crepúsculo. O sertanejo teimoso e guerreiro, resistindo firme, feito angico, pau-d'arco, sabiá. Sejamos lenha dura, mourão que combustão nenhuma há de torrar. Acordar para ver as reses de bucho cheio, o chão folheado de forragem. As batatas da raiz a encher d'água, a natureza se preparando. As crias correndo soltas, a fauna em apoteose, o cheiro de umbu adocicando os



dias de chuva, o voo leve de mais uma arribação. Marrecas festejando do alto da copa do umbuzeiro, aves brancas e coloridas saltitando no verde globoso, escolhendo e carregando galhos, arquitetando ninho. A felicidade dos trópicos e a vida a renascer.

CUNHA, Euclides da. Os Sertões. Texto Integral. Ed. I. Londrina, PR: Livrarias Família Cristã, 2021.



BR-381- PIABANHA

Lore

———— “ ————

Existem lugares que continuam nos esperando,
mesmo depois da partida.

Inusitado e desconhecido são palavras que aguçam constantemente a curiosidade; ousar afirmar que nós, seres humanos, temos essa necessidade da descoberta, e foi essa força motriz que me levou à recôndita Piabanha!

Um povoado discreto que se estreita no Sul da terra de todos os santos, especificamente na “BR-381(BA)”. Não busque placas ou letreiros; apenas diga ao motorista o local do seu destino que este gentilmente o deixará na intersecção, onde o asfalto cinza se cruzará com uma terra vermelha batida. Uma dica de amigo: escolha as horas amenas do dia; o Sol acorda mais cedo que o habitual e, se sua pretensão não é ser queimado dos pés à cabeça, o início das manhãs ou finais de tarde farão do seu percurso um tanto mais prazeroso.

Durante a caminhada será possível avistar um “Gurinhata” ou outro de seus amigos plumados entoando cantos pra lá de animados. A brisa matinal entrelaçada com o clima dará as boas-vindas a você! Até chegar lá, o gramado esverdeado lhe fará companhia: uma mistura de relva fresca com as plantações de cacau, que ainda são fontes de renda para algumas famílias da região, além do gado recorrente, uma aposta mais recente das grandes fazendas que ali se estabeleceram.

Nesse misto frutado e pecuário, pouco a pouco toma forma com a rua central de paralelepípedo, repleta de casinhas pequenas com varandas cobertas e suas roças particulares no quintal. Uma visão pitoresca que parece ter saído de algum quadro de Portinari. As crianças brincando na rua sem nada a



temer, pois até os cachorros caminham despreocupados. Os moradores, por sua vez, irão lhe cumprimentar com um aceno respeitoso; muito provavelmente, o chamarão para tomar um pretinho acompanhado de cocada ou bolacha fofa. E já te adianto: a recusa não é uma opção, já que a comunidade é bastante calorosa e hospitaleira. Na primeira conversa, tecerão sua árvore genealógica, na tentativa de construir uma conexão instantânea com seus parentes, isso se for um conterrâneo, mas se este não for o caso, eles darão um jeito para que se sinta em casa.

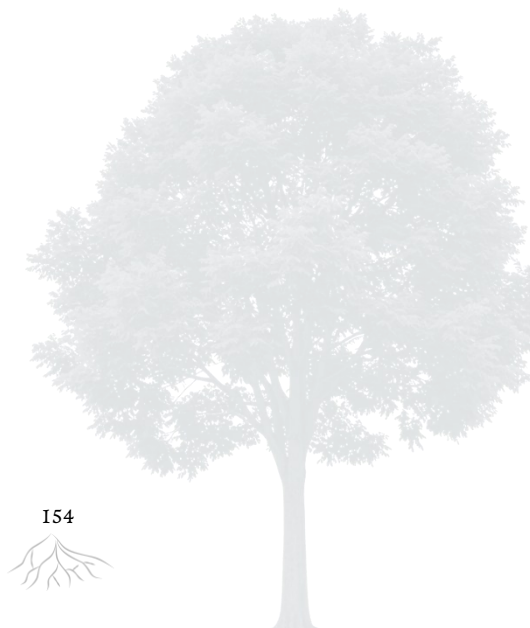
Outro palco para estreitar os laços é a praça central, recém-reformada e que promete fazer a alegria local! Sua extensão é menor que uma quadra, mas as árvores frondosas, juntamente com o capim bem aparado, dão um charme interiorano para apreciar o céu azulado de dia e o estrelado da noite. As atrações do vilarejo estão exatamente na peculiaridade de ser recluso, tendo em vista que a sua dimensão é de apenas cinco ruas, onde se encontram: igrejas, três pequenas mercearias, dois bares, um posto de saúde, uma sede policial e uma escola de ensino fundamental.

Apesar de ser pequena, a grande experiência é justamente a vivência que nos é ofertada: seja pela durabilidade dos dias que se estendem ao ponto do próprio relógio não conseguir acompanhar, seja pelos quitutes, salgados ou doces que são verdadeiras atrações noturnas, especialmente em datas juninas. As bandeirolas revestem a cidade dando espaço para



músicas, danças típicas, brincadeiras regionais, iluminadas pela luz e calor das fogueiras. Agora, voltando às delícias, temos um cardápio bem variado para todos os gostos, desde quentão e bolo de pupa, um sabor mais marcante que o outro. Isso sem deixar de lado as lendas de Izabé Bunina, que estremecem o esqueleto; os sustos das bombinhas estaladas nas ruas curtas. Para além do imaginário, há aquela conversa biográfica, de história genuína, onde cada morador possui uma jornada digna de ser registrada em um livro, tal qual foi em Javé.

Ah! Quanta nostalgia! Faz alguns anos, mas mal posso esperar para seguir os passos do peixe que intitulou a cidade e mergulhar nessa ideia intrusa que volta e meia me apanha, sei que não tardará...em breve regressarei à inesquecível e saudosa Piabanha!



A HISTÓRIA QUE CORRE QUANDO ORÓS SANGRA

Everton Viesba

———— “ ————

Quando a água encontra a memória,
o sertão volta a contar suas histórias.

O uvi essa história de um homem desses que escolhem as palavras, talvez por isso tenha demorado a perceber que, no que ele contava, havia sempre mais do que explicação. Ele começou pelo que dizem os engenheiros, como se quisesse afastar qualquer suspeita de exagero, explicando que o açude sangra quando atinge seu limite de capacidade, que a água excedente precisa escoar pelas estruturas projetadas para evitar danos maiores, que tudo segue cálculo, previsão, controle. Disse também que isso não acontece sempre, que depende das chuvas, das cheias, de um conjunto de fatores que, no papel, se organizam com clareza suficiente para não deixar dúvidas.

Mas, segundo ele, não é assim que o povo entende.

Ou melhor, não é assim que o povo sente.

Porque, em terra onde a chuva nunca é certeza e a água sempre chega como promessa incerta, ver o açude sangrar não cabe apenas em explicação. Pode até se aceitar o motivo, pode até repetir o que dizem os técnicos, mas há um respeito que não negocia com a razão. Não se trata de negar o funcionamento das coisas, mas de reconhecer que ali existe uma memória que antecede qualquer cálculo, uma história que se infiltra no modo como a água é vista, tocada e, sobretudo, aguardada.

Ele me contou que, antes de o açude existir, aquele era um chão de espera.

A terra abria em rachaduras largas, profundas, demonstrando que também sente sede, e o vento carregava mais poeira do que promessa. Foi nesse cenário que começaram a



erguer as paredes do açude, com homens que vinham de longe e outros que não tinham para onde ir, todos reunidos por uma mesma necessidade, ainda que por razões diferentes.

Trabalhar ali era enfrentar o sol sem sombra e a terra sem descanso, era cavar, carregar, levantar, repetir, mesmo quando o corpo já não respondia. Nem todos resistiram. E, quando não resistiam, não havia tempo para cerimônia nem distância para despedida. Ficavam por ali mesmo, enterrados nas margens, cobertos às pressas.

Há quem diga, e ele disse sem afirmar completamente, que nem todos ficaram apenas nas covas. Que parte deles foi ficando no próprio açude, misturada ao barro, incorporada às paredes, comprimida entre camadas que hoje sustentam a água.

Ele não insistiu nisso, mas também não descartou, e foi nesse intervalo que a história começou a ganhar outra forma.

Depois que a água chegou, tudo mudou, ao menos na superfície.

O que antes era apenas chão seco passou a refletir o céu, e a paisagem se reorganizou em torno daquele volume que prometia permanência. O rebanho voltou a beber com menos urgência, as plantações encontraram algum alívio, e a vida, de certo modo, reaprendeu a acontecer ali.

Mas o passado não desapareceu com a água.

E é por isso que, quando Orós sangra, ninguém olha apenas para o que transborda.



O homem me disse que há um momento, antes mesmo de a água ultrapassar o limite visível, em que o ar muda. Não é algo que se anuncie com barulho, mas uma espécie de suspensão, como se o ambiente inteiro estivesse à espera de algo que não se pode apressar. As pessoas começam a se aproximar, algumas em silêncio, outras trazendo consigo pequenas marcas de fé, rezas murmuradas, promessas antigas que se reativam sem que ninguém precise lembrar.

Há quem leve vela.

Quem leve apenas o corpo.

Quem não leve nada além do olhar.

E, quando a água finalmente desce, não é apenas o volume que chama atenção, mas o modo como ela se move. Não corre de qualquer jeito. Há uma cadência, uma insistência que parece procurar caminho. E é nesse instante que alguns dizem ouvir.

Vozes. Fragmentos. Chamados que não pertencem ao presente.

Ele me contou de gente que ouviu o próprio nome, dito de um jeito que não se escuta mais, de outros que juraram reconhecer vozes de parentes que já partiram, de mulheres que, ao encostarem a mão na água, viveram milagres.

Outros negam.

Dizem que é sugestão, que é o som da água batendo nas estruturas, que é o vento carregando ecos. E pode ser. Mas



mesmo os que negam não permanecem indiferentes. Ficam. Observam. Evitam falar alto.

Há algo naquele momento que não se deixa reduzir.

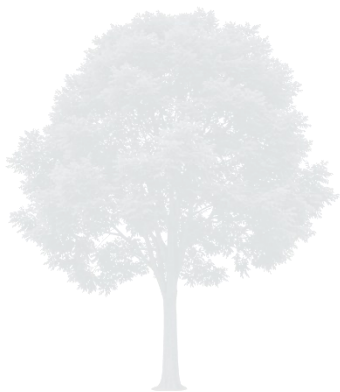
A água desce e, ao descer, alcança a terra que ainda guarda marcas antigas, infiltra-se nos sulcos, toca raízes que pareciam esquecidas, reorganiza o chão, acalma a poeira, altera o ar. O rebanho se aproxima, as pessoas também, e, por alguns instantes, tudo parece suspenso entre o que foi e o que ainda é.

Ele me disse, quase no fim da conversa, que gente de muito longe já aprendeu a reconhecer esse momento.

Que, mesmo sem estar ali, muitos sabem quando Orós sangra. Não porque recebem aviso, nem porque acompanham números ou previsões, mas porque, de alguma forma, a notícia corre por caminhos que não são apenas os da comunicação. Corre como correm as histórias que se repetem, que atravessam lugares, que se instalam no imaginário de quem nunca pisou naquele chão, mas ainda assim sente que há algo ali que merece ser lembrado.

Quando Orós sangra, não é só a água que ultrapassa o limite.

É a memória.



TERRA DO SOL

Sara Nunes Raquel Almeida

———— “ ————

Terra do Sol, da luz, do mar, do luar...

Terra do Sol
Terra da luz
Terra do mar
Terra do luar
Terra do céu estrelado
E dos três Marias brilhando.

Terra da Beira-Mar
Onde os casais namoram
Na ponte metálica
Sob a lua clara e cheia
Terra da feirinha
Da Beira-Mar.

Terra do cais do porto
Terra do porto do Pecém
Terra do mercado do peixe
Terra do mercado dos pinhões
Terra do mercado central
Terra do mercado São Sebastião.



Terra da Monsenhor Tabosa
Terra do planetário Dragão
Dragão do Mar
Terra do Centro Cultural
Dragão do Mar

Terra do forró,
Terra do sol
Terra da lua
Terra do mar
Terra de violeiros
Terra de repentistas.



TERRA DAS PRAIAS

Sara Nunes Raquel Almeida



Terra da praia de Fleixeiras, Cumbuco, Iijoca,
Lagoinha, Caponga... Praias de Águas Belas.

Terra das praias
Do litoral; Norte a sul
Leste a oeste,
Terra das brisas,
Do luar, das marés.

Terra da praia de Fleixeiras
Terra da praia do Cumbuco
Terra da praia de Jijoca
Terra da praia da Lagoinha
Terra da praia da Cponga
Terra da praia de Águas Belas.

Terra da praia das Fontes
Terra da praia de Canoa Quebrada
Terra da praia de Jericoacoara
Terra da praia do Morro Branco
Terra da praia da Prainha
Terra da praia do Iguape.

Terra da praia de Mundaú
Terra da praia da Lagoinha
Terra da lagoa do Banana
Terra da praia da Lagoa Encantada
Terra da praia de Icaraí
Terra da praia da Taíba.



Terra de areia
Branca e fina

Terra de dunas e falésias
Terra dos cataventos
Terra de vila dos pescadores

Terra de camarões frescos
Da Beira-Mar.

Terra dos passeios maravilhosos
Terra do passeio de cavalo
Terra do passeio de lancha
Terra do passeio de ultraleve
Terra do passeio de parapente
Terra do passeio de jangada
Terra do passeio de skate

Terra do passeio de quadriciclo
Terra do passeio de navio
Terra do passeio de caiaque
Terra do passeio de tirolesa
Terra do passeio de banana
Terra do passeio de esqui bunda.



Sobre os autores e as autoras

Aarão Barreto

Médico, escritor, podcaster, esposo e pai, recentemente orgulhoso de ter também o título de professor, entusiasmado por música antiga e ficção, cresci no interior de Pernambuco, em Caruaru, de onde tenho maior parte de minhas melhores lembranças.



Alexandre Breck

Professor, palestrante e autor brasileiro. Formado em sistema de informação, dedica-se ao ensino, à autoria de livros, à pesquisa histórica e à divulgação das suas pesquisas por meio de cursos, livros e palestras.



Arlison Frank

Natural de Santa Helena, Maranhão, doutor em Filosofia pela Unifesp e servidor público da Seduc-SP. Atua como professor e pesquisador, dedicando-se aos temas da educação, da política e da filosofia nietzschiana. Escreve romances e pesquisas acadêmicas.



Astrude Modesto

Jornalista, graduada pela UFRB, com especializações em Direitos Humanos, pela UFBA, e em Gestão da Comunicação Digital, pela Unifacs. Apaixonada pela palavra escrita, encontra no jornalismo e na literatura diferentes formas de observar e narrar o mundo.



Chirles Oliveira Santos

Escritora baiana que reside em Cascavel-PR. É imortal das Academias AILB, ALB-SP e ACL. Fundadora do Portal Cultural Asas do Pensamento. Autora com 10 livros publicados e participação em mais de 100 coletâneas de gêneros diversos.



Lore

Escrever é tão natural quanto respirar. Desde sempre, crio mundos e desvendo personagens; as palavras borbulham e escapam antes que eu possa dizer: Lore, muito prazer.



Danilo Heitor

Nasceu em 1982, em São Paulo, SP. É professor de Geografia, editor, anarquista e corinthiano. Filho de carioca e neto de baiana, publicou oito livros, a maioria de ficção científica. Nas redes sociais, é @kadjoman. Site: www.daniloheitor.com



Debora Maria dos Santos

Pedagoga, psicopedagoga e Mestre em Ciências da Educação. Escritora e servidora pública em Dias d'Ávila (BA), desenvolve projetos voltados à inclusão, ao letramento racial e à valorização da cultura afro-brasileira. É autora de *Eu Amo Meu Black*, *O caminho misterioso e o segredo da floresta*, *A guerreira Ayana e o jardim do Éden*, *O príncipe Maliki e o segredo do jogo Kudoda e Mascarada* e *a Magia da Capoeira*.



Elenice Vaz

Possui graduação em Pedagogia pela Universidade Estadual de Goiás e especialização em Gestão Escolar. Atualmente é Professor, Formadora e Tutora da SME de Aparecida de Goiânia. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Ensino-Aprendizagem.



Elisangela Meira

Professora de Língua Portuguesa, atua há mais de 30 anos na Educação. Destacou-se por projetos de incentivo à leitura e à escrita. É autora dos livros *10 Passos Poéticos para Ser Feliz* (2019) e *Ciclos Circadianos* (2025).



Enver Sampaio

Menino ipueirense da Macambira que foi construir a vida em Sobral, ainda moço sonhou belos devaneios nos Lençóis Maranhenses. O brilho ardente, raiou da Terra do Sol, alma mater adormecida, que agora vibra em versos, prosas, doutrinas e arrazoados.



Everton Viesba

Professor, pesquisador, escritor e editor. Transito entre a crônica, o conto, o ensaio e a produção científica, sempre movido pela necessidade de dar forma às ideias, criando e recriando, formando alguns rascunhos do mundo.



Fátima Souza

Maria de Fátima Marinho de Souza, médica, Sócia da Sociedade Brasileira de Médicos Escritores - SOBRAMES - Regional de Pernambuco. Presidente, atual, da SOBRAMES - PE. Autora dos livros Mar de dentro e Amor em campos de trigo - (Poesia).



Ivo Lima

Estudante, iniciante no admirável mundo novo da escrita, apaixonado por livros desde pequeno, leitor voraz e admirador de narrativas que descrevem o mundo em toda a sua amplitude e complexidade, além de observador fiel do sublime prosaico.



Marcelo Souza de Oliveira

Carioca, nascido em 1968, ama a Literatura Brasileira, escreve e publica contos, crônicas e artigos desde 1996 e tenta transportar para as histórias todo amor que sente por nosso país e nossa gente.



Marcos E. Cintra

Professor associado na UFERSA, Mossoró, RN, por uma década. Hoje reside no Espírito Santo e trabalha na UFES. Ama o nordeste e tem um carinho e respeito imensos pelo povo nordestino.



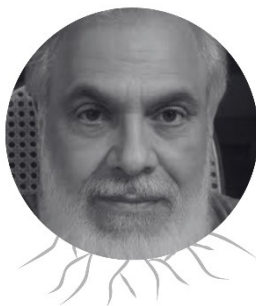
Massanori Takaki

Escritor e roteirista, graduado pela UNICAMP, com pós-graduação pela UNIFESP, doutorado sanduíche na Universidade de Newcastle-upon-Tyne, Inglaterra, e pós-doutorados na Universidade de Wageningen, Holanda. Lecionou na UNESP. Tem Lato sensu em Cinema e Linguagem Audiovisual e em Jornalismo Digital pela UNESA.



Moab Duarte Acioli

Psiquiatra e antropólogo. Professor do Curso de Medicina e do Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem da Universidade Católica de Pernambuco. Membro titular da Sociedade Brasileira de Médicos Escritores.



Robério Pereira Barreto

Professor Titular da Universidade do Estado da Bahia - Campus V - escritor com publicações literárias: poemas, contos e minicontos em livros autorais e coletâneas nacionais; textos científicos na área de linguística aplicada e tecnologias das linguagens.



Solange Gonçalves de Lima

Pedagoga, Psicopedagoga, Especialista em Educação Social e Especial. Coordenadora pedagógica, diretora, supervisora escolar e dirigente de educação. Foi professora na Rede Estadual e Universitária, liderança sindical no Sinesp. Destacando-se pela gestão educacional, inclusão escolar e trabalho com comunidade.



Sara Nunes Raquel Almeida

Nasceu em 6 de dezembro de 1973 natural de Fortaleza-CE. Filha do casal Maria Nunes Almeida Bezerra (in memoriam) e José Clodomir Nunes Bezerra (in memoriam). Graduada em pedagogia pela UVA pós-graduada em Psicopedagogia clínica e institucional pela FVS.



Sara Santos

Pedagoga, psicopedagoga e mestre em Educação. Escritora e educadora, é autora do livro “A Guerreira Ayana e o Jardim do Éden”, obra que valoriza a imaginação, a coragem, a identidade e os ensinamentos transmitidos por meio da literatura infantil.



Verissimo dos S. Furtado Filho

Sou professor de Fundamentos da Educação da UFMA e pesquiso educação, currículo e formação docente. Nordeste de nascimento e de conto, encontro na narrativa breve o mesmo chão fértil das minhas aulas: o lugar onde a vida ganha voz.



Vitória Araújo

Vitória Gabriela (2002) é uma poeta, contista e cronista paulistana.

Autora de Por Osmose

(Ed.Fomento Literário, 2022)

possui trabalhos publicados em diversas revistas & cias.

(linktr.ee/vitoriawho)



Querida leitora e querido leitor,
Agradecemos por ter comprado a versão impressa desse livro e/ou por ter
feito o download do e-book. Decerto que despertar seu interesse pela obra,
para nós, é uma alegria imensa.

Por isso, agradecemos.
Caso tenha alguma dúvida ou sugestão,
entre em contato conosco pelo e-mail:
contato@vveditora.com

Publique conosco!

Biografias, poesias e textos literários.
Trabalhos de Conclusão de Curso, Dissertações e Teses.
Artigos e textos de Grupos de Pesquisas e Coletâneas.

Acompanhe nossas redes, site e nossos eventos.



Coleção

DEBAIXO DA ÁRVORE



Esta coleção se organiza a partir de travessias, reunindo cinco volumes que percorrem o Brasil por caminhos que não se deixam reduzir a mapas ou fronteiras. Cada livro se ancora na presença de uma árvore. A araucária, no Sul, sustenta memórias de resistência e permanência em meio às transformações do território. O ipê-amarelo, no Centro-Oeste, irrompe como cor e contraste, marcando ciclos de seca e florescimento. O umbuzeiro, no Nordeste, guarda a sabedoria da espera e da sobrevivência em terras de escassez. O cambuci, no Sudeste, carrega sabores e histórias que resistem entre a selva de pedra e o que ainda pulsa de mata. A castanheira, no Norte, ergue-se como testemunha de uma floresta que alimenta, conecta e resiste.

ARAUCÁRIA | IPÊ-AMARELO | UMBUZEIRO | CAMBUCI | CASTANHEIRA

